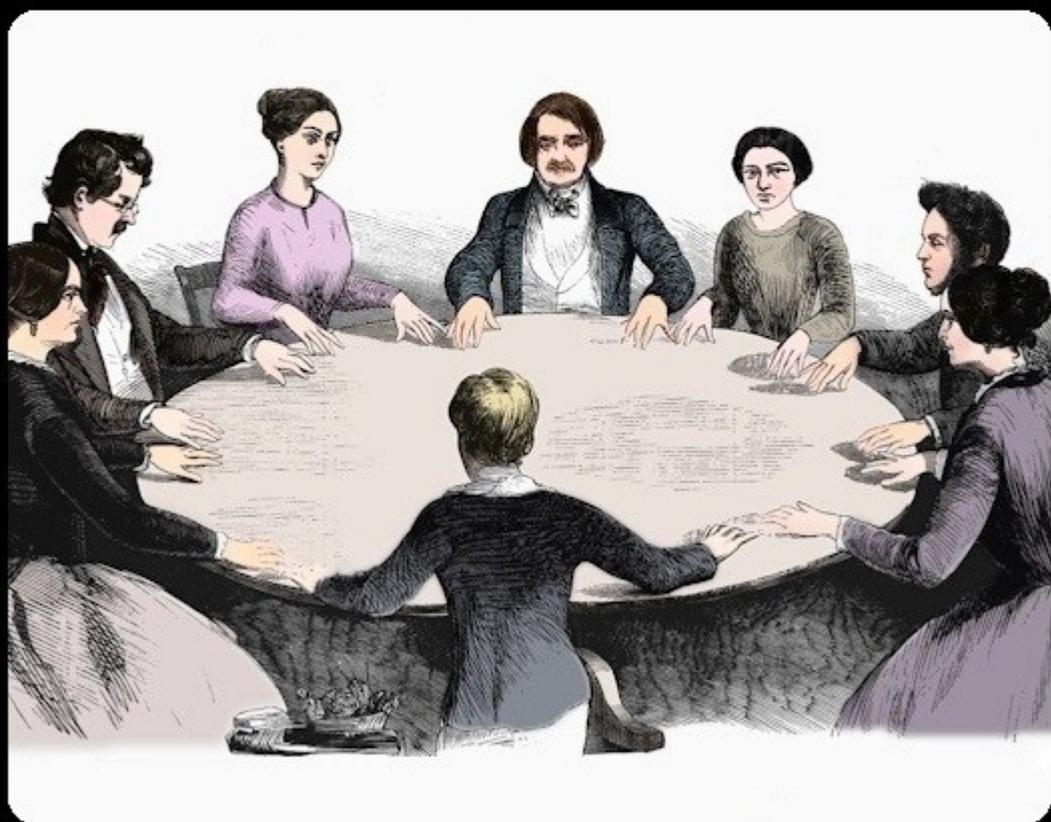


Reuniões de desobsessão

(Momentos de acolher Espíritos em desarmonia)



Paulo Neto

Reuniões de desobsessão

(Momento de acolher Espíritos em desarmonia)

(Versão 17)

“E alguns judeus, exorcistas ambulantes, tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os possessos de espíritos malignos, [...]” (Atos 19,13)

Paulo Neto

Copyright 2021 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://images.wsj.net/im-654774/?width=700&size=1.5&pixel_ratio=1.5

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes
Júlio César Moreira da Silva
Kátia Vilela

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, maio/2021.

Agradecimentos

Não podemos deixar de registrar a nossa
eterna gratidão aos amigos

Artur Felipe Ferreira
Astolfo Olegário de Oliveira Filho
Hugo Alvarenga Novaes
Júlio César Moreira da Silva
Kátia Vilela
Thiago Toscano Ferrari

pelo incentivo e sugestões ao presente ebook.

Índice

Prefácio.....	5
1. Introdução.....	10
2. Na Codificação.....	15
3. Além da evocação das companhias espirituais, teria algo mais a se fazer a favor do paciente?.....	34
4. Alcoolismo como efeito de obsessão.....	44
5. Condições ideais de uma reunião mediúnica.....	47
5.1. O estudo doutrinário é a primeira e a mais importante tarefa a ser feita.....	47
5.2. Homogeneidade a meta indispensável para todos.....	55
5.3. Reuniões de “portas abertas”, como assim?.....	61
5.4. Quantos participantes deverá ter uma reunião mediúnica?.....	68
5.5. Qual seria o principal compromisso do partícipe da reunião?.....	71
5.6. Seria útil definir: dia, horário e local certos?.....	83
5.7. Afinal, pode-se ou não evocar os mortos?.....	92
5.8. Deve-se indicar o médium para sintonizar com o Espírito que vai se manifestar?.....	110
5.9. Há um limite de manifestações por médium?.....	118
5.10. A conversação no antes e no depois da reunião.....	123
6. Certos Espíritos poderiam ser constrangidos a comparecer em uma reunião?.....	126
7. Como devemos tratar os Espíritos manifestantes?.....	140
8. A função da música.....	152
9. Poder-se-ia considerar o obsidiado um médium?.....	161
10. Conclusão.....	165
Referências bibliográficas.....	168
Dados biográficos do autor.....	174

Prefácio

É de conhecimento entre nós, espíritas, o incessante intercâmbio entre encarnados e desencarnados.

Embora habitem dimensões diferentes, “vivos” e “mortos” continuam ligados por laços invisíveis, mas não menos poderosos, por meio dos quais se põem em comunicação. Tal comunicação, não obstante na maioria das vezes imperceptível aos sentidos mais grosseiros, sempre se deu, desde o surgimento da raça humana no planeta.

Através da mediunidade, faculdade inerente ao homem, os habitantes desses dois mundos se puseram em contato de maneira mais direta, podendo revelar, mesmo que timidamente, as realidades do além-túmulo.

Durante milênios, contudo, a fenomenologia mediúnica padeceu com a ideia do maravilhoso e do sobrenatural, eivada de misticismos e superstições,

oriundos do profundo atraso intelecto-moral da humanidade. Os abusos cometidos fizeram com que legisladores locais optassem, inclusive, por proibir o intercâmbio, embora reconhecessem a veracidade do fenômeno.

Homens e mulheres, ao tempo de Moisés, por exemplo, costumavam recorrer aos Espíritos por meio das chamadas pitonisas, buscando conselhos sobre os mais ínfimos problemas cotidianos. Desse modo, o austero líder é forçado a proibir a comunicação com os Espíritos em sua época. Do mesmo modo, os gregos, assim como os romanos, egípcios, hindus, caldeus, chineses e persas, reconheciam a possibilidade de contato com os desencarnados.

Mais tarde, ainda devido à ignorância e ao apego a poderes temporais, as religiões dogmáticas cristãs lançaram seus anátemas à comunicação com os Espíritos, agora vistos como seres demoníacos e voltados unicamente ao mal. Segundo eles, os ditos “mortos” não teriam condições de se porem em contato conosco por já habitarem o céu ou o inferno, suas derradeiras e definitivas moradas.

A espiritualidade superior, contudo, aguardou o momento propício, de maior amadurecimento espiritual, para trazer ao mundo as luzes da Doutrina Espírita. Através do emérito professor Rivail - Denisard Hippolyte Léon Rivail (1804-1869) - pesquisador arguto com uma longa romagem de aprendizados em existências pregressas (o mundo espiritual, assim como os Espíritos), passou a ser melhor compreendido, afastando definitivamente de cena as concepções errôneas e/ou extremadas.

Os desencarnados passaram a não mais serem vistos como anjos celestiais ou seres pérfidos eternamente devotados ao mal, mas apenas como indivíduos que não mais trajavam a roupagem física e que exibiam virtudes e fraquezas, geralmente as mesmas que possuíam enquanto na esfera terrena.

Sob o lema “Fora da caridade não há salvação”, a Doutrina Espírita nos convoca não só ao diálogo com os nossos irmãos desencarnados, mas também à oportunidade que temos de aprender com os que se encontram mais adiantados. Aliás, vai além: não excomunga nem repele os que se encontram ainda atrasados na senda do progresso -

abraça-os e acolhe-os, como irmãos nossos, de modo a oferecer-lhes o esclarecimento e o apoio de que tanto necessitam para se desembaraçarem das paixões que os sufocam e os fazem sofrer.

Apontando a obsessão como uma chaga que aflige boa parte da população encarnada, tal qual uma epidemia, como afirmou Léon Denis (1846-1927), o Espiritismo vem trazer ao mundo a sua contribuição de luz, em que o amor transpassa a barreira entre dois mundos.

Nesse contexto, mais uma vez, o confrade Paulo Neto nos traz sua preciosa contribuição enquanto escritor e pesquisador espiritista, na medida em que analisa e ressalta a importância das reuniões mediúnicas de desobsessão, poderosas ferramentas de acolhimento e enxugamento de lágrimas. Por meio de um convite ao perdão e à tolerância fraterna entre todos os envolvidos, antigos algozes podem, nesses encontros benditos, ser esclarecidos pelas luzes do Evangelho e da magna Doutrina, num aceno à paz, ao entendimento e ao amor, únicos capazes de romper as barreiras do ódio e da vingança.

Finalmente, convém lembrar que a obsessão se dá pela afinidade entre os envolvidos, em que o elemento encarnado deva fazer, da mesma forma, todo o esforço de aperfeiçoamento íntimo necessário, sem o qual qualquer iniciativa, por melhor que se apresente, não passará de mera perda de tempo, tal qual advertiu Jesus: *“Vá e não peques mais”*. (João 8:11)

A presente obra de Paulo Neto, portanto, merece de nós toda a consideração e estudo, consubstanciada que está nas preciosas lições do Espiritismo, conforme nos foi legado por Allan Kardec e a augusta plêiade de Espíritos dirigida pelo Espírito da Verdade.

Artur Felipe Ferreira
Professor, tradutor, revisor e escritor

1. Introdução

Será que as atuais reuniões designadas de desobsessão (orientação ou esclarecimento de Espíritos) estariam recomendadas na Codificação? É exatamente esse ponto que propomos pesquisar ⁽¹⁾ em todas as obras publicadas por Allan Kardec, o insigne codificador do Espiritismo.



No Grupo Espírita Meimei de Pedro Leopoldo, MG (fundado por Chico Xavier), nos anos 50

Na atualidade, perto de se completar os 167 anos do surgimento da Doutrina dos Espíritos, naturalmente poderá surgir o questionamento sobre a real utilidade das evocações de desencarnados em reuniões mediúnicas, nas quais se estabelecem diálogos com eles visando, de alguma forma, auxiliá-los.

Faz um bom tempo que percebemos que alguns companheiros são de opinião que a tarefa de esclarecimento e/ou de moralização dos Espíritos inferiores seria uma ação específica a ser realizada somente no mundo espiritual pelos Espíritos superiores e não por nós, aqui do mundo material.

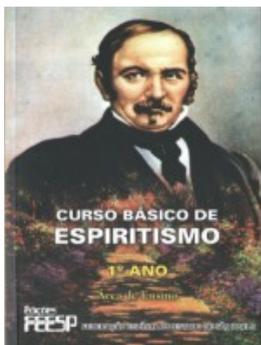
Em **Obsessão, o Passe, a Doutrinação**, o saudoso jornalista José Herculano Pires (1914-1979), refutou essa ideia:

[...] **Alguns espíritas atuais pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos Espíritos bons no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita**, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os Espíritos sofredores, que são os obsessores, permanecem mais ligados

à Terra e portanto à matéria. Dessa maneira, **os Espíritos benevolentes muitas vezes se manifestam nas sessões de desobsessão e servem-se dos médiuns para poderem comunicar-se com os obsessores.** Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessores necessitam de sentir-se seguros no meio mediúnic, envolvidos nos fluidos e emanções ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os Espíritos esclarecedores. Basta esse fato, comum nas sessões bem orientadas, para mostrar que a doutrinação humana dos Espíritos desencarnados é uma necessidade. ⁽²⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Na condição de, segundo Emmanuel, “O metro que melhor mediu Kardec” ⁽³⁾, Herculano Pires foi cirúrgico, tocou bem na raiz do problema.

Outros confrades são contrários às reuniões de desobsessão unicamente pelo fato delas serem mencionadas em obras ditadas pelo Espírito André Luiz, através da psicografia do médium Francisco Cândido Xavier (1910-2002), mais popularmente designado por Chico Xavier. Pede-se apenas bom senso, pois o excesso, para qualquer um dos lados, não é uma atitude nada conveniente.



Estávamos desenvolvendo uma pesquisa no livro **Curso Básico de Espiritismo, 1º ano**, publicado pela FEESP (Federação Espírita do Estado de São Paulo), visando encontrar informações que pudessem retratar a vida no mundo espiritual, quando nos deparamos com este parágrafo, cujo conteúdo nos pareceu bem interessante:

Em erraticidade, os Espíritos analisam e refletem sobre o seu passado, sempre objetivando o aperfeiçoamento e, ao percorrerem os lugares, observam e **escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos**, e dessa forma, as ideias novas surgem em seu íntimo, predispondo-os a aceitação dos desígnios divinos. ⁽⁴⁾

O teor dessa explicação, segundo pudemos posteriormente apurar, vem de *O Livro dos Espíritos*, como se verá no início do próximo capítulo.

Despertou a nossa atenção o trecho em que se lê “escutam com interesse os conselhos dos

encarnados mais esclarecidos”, razão pela qual resolvemos pesquisar nas obras da Codificação para ver se nelas haveria mais alguma coisa a respeito disso.

Temos esperança de que o resultado dessa pesquisa possa ajudar a todos que nos derem a honra de a ler uma compreensão mais profunda desse instigante tema. E, sinceramente, esperamos que venha produzir efeitos imediatos naqueles que conseguirem ver que são pertinentes algumas de nossas considerações.

2. Na Codificação

Nossa principal fonte será as obras da Codificação Espírita, pois é nelas que encontraremos tanto as revelações dos Espíritos superiores, como as experiências e o pensamento de Allan Kardec.

De **O Livro dos Espíritos**, Livro Segundo, cap. VI - Vida espiritual, tópico “Espíritos errantes”, transcrevemos a seguinte questão:

227. De que modo se instruem os Espíritos errantes, já que certamente não o fazem da mesma maneira que nós?

“Estudam o seu passado e procuram meios de elevar-se. Veem, observam o que se passa nos lugares que percorrem; **ouvem os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados que eles**, e tudo isso lhes inspira ideias que não tinham antes.” ⁽⁵⁾ (itálico do original)

Muito interessante a informação de que alguns Espíritos “ouvem os discursos de homens

esclarecidos”, pois significa que eles, ainda que anonimamente, frequentam as reuniões mediúnicas sérias e de elevado teor moral visando aprender.

No diálogo com o Espírito Sr. Philibert Viennois, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de maio, a certa altura, o vemos dizer:

Obrigado pela vossa benevolência, senhor Kadec; não podíeis fazer melhor. Aqueles que choram os ausentes têm necessidade do Espírito de Deus, mas também do apoio de outros Espíritos benevolentes, e os Espíritos devem sê-lo. **Vossa prece emocionou muitos Espíritos levianos e incrédulos que são as testemunhas invisíveis de vossas sessões** (esta prece havia sido lida na Sociedade depois da evocação); vossas boas palavras servirão para o seu adiantamento. Restituíis, frequentemente, ao nosso mundo o bem que dele recebeis. Não desdenhar o conselho de um menor que seja, é reconhecer esse laço íntimo criado por Deus entre todas as criaturas. ⁽⁶⁾ (itálico do original)

O Espírito Anne Belleville também comprova isso, conforme se pode ver neste parágrafo de seu relato constante de **O Céu e o Inferno**, Segunda Parte, cap. III – Espíritos em condições medianas:

Quando voltar à Terra, garanto que serei espírita. Que ciência sublime! **Assisto constantemente às vossas reuniões e aos conselhos que vos são transmitidos.** Se os tivesse compreendido quando estava na Terra, meus sofrimentos teriam sido atenuados. Mas a ocasião não havia chegado. Hoje compreendo a bondade de Deus e sua justiça, [...]. (7)

Julgamos que a responsabilidade que devemos assumir ao frequentar as reuniões mediúnicas seja enorme. É necessário que consideremos a nossa participação nelas como sendo nobre tarefa de caridade.

Da obra que é considerada o “*Guia dos médiuns e dos evocadores*”, ou seja, **O Livro dos Médiuns** (1861), tomemos do capítulo XXV – “Evocações”, o item 281 do tópico “Utilidade das evocações particulares”, do qual transcrevemos o último parágrafo:

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, podemos nos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos.

Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados. De que lhe serve obter belas comunicações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, **nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro?** Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas? ⁽⁸⁾

O adjetivo “vulgares” sempre foi utilizado pelo Codificador apenas para designar os Espíritos inferiores, conforme podemos ver em suas explicações constantes de *O Livro dos Médiuns*, no item 267, no inciso 4 ⁽⁹⁾, portanto, não deve ser entendido no sentido pejorativo.

Assim, caso nós espíritas não abracemos a nobre tarefa de aliviar e ajudar no adiantamento moral dos Espíritos inferiores, estaremos sendo egoístas, segundo os preceitos do Cristo, e orgulhosos, segundo Allan Kardec, por não colocarmos em prática a caridade e a benevolência para com eles.

Obviamente que isso não significa que todos os

espíritas devam fazer esse trabalho específico, uma vez que a caridade pode ser exercida de inúmeras outras maneiras. O que ele quer dizer, realmente, é que as instituições espíritas não deveriam descuidar desse tipo de atividade.

Julgamos que se utilizando de outras palavras o Codificador está, na verdade, recomendando mesmo a evocação desses Espíritos para que, por meio de bons conselhos, possamos contribuir no alívio do sofrimento deles e também despertá-los para o avanço moral, ou seja, para que tomem a decisão de retomar o caminho da sua evolução espiritual. Essa tarefa tem muito mais probabilidade de ocorrer em reuniões mediúnicas criadas precipuamente para esse objetivo.

Quanto à evocação, há situações em que, de acordo com Allan Kardec, é efetivamente necessário fazê-la, como nos casos das obsessões graves. Mas deixaremos para tratar desse assunto mais à frente.

Voltando à obra **O Livro dos Médiuns**. Agora no cap. XXIII - “Obsessão”, no item 254, em que lemos esclarecimentos importantes:

5. *Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?*

“Sim, mas é o que não se faz, e **é o que não se deve deixar de fazer, porque, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente.** Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar o progresso deles.” ⁽¹⁰⁾ (itálico do original)

Uma das nossas missões, enquanto espíritas que somos, é “combater” a influência dos Espíritos maus, moralizando-os, obviamente que em reuniões específicas para dialogar com eles, uma vez que, de forma bem direta, nos foi informado que “isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente”. É claro, portanto, que isso nos é possível.

Allan Kardec insistiu na questão, querendo saber como nós, os encarnados, podemos influenciar de maneira positiva os Espíritos maus se eles, teoricamente, têm os Espíritos superiores ao lado.

5-a. *Como pode um homem ter, a esse respeito, mais influência do que a têm os próprios Espíritos?*

“Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. **O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros** e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra. Demais, **o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral.** Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.”
(¹¹) (itálico do original)

Conforme explicado, a razão está no seguinte fato: nós, os encarnados, estamos mais próximos dos Espíritos perversos do que os Espíritos Superiores, daí ser mais fácil a nós chegarmos àqueles do que esses facilmente poderiam conseguir.

No livro ***O Céu e o Inferno***, Segunda Parte, ao

final do cap. IV – Espíritos sofredores, há uma dúvida do Codificador dirigida a São Luís, protetor da Sociedade Espírita de Paris, que entendemos valer a pena citá-la:

P. [A São Luís] – ***Qual a causa de a educação moral dos Espíritos desencarnados ser mais fácil que a dos encarnados? As relações que o Espiritismo estabelece entre homens e Espíritos levam a crer que estes últimos se corrigem mais rapidamente sob a influência dos conselhos salutareis do que os encarnados, como se vê na cura das obsessões.***

R. [Sociedade de Paris] – Em virtude de sua própria natureza, o encarnado está numa luta incessante devido aos elementos contrários de que se compõe e que devem conduzi-lo ao seu fim providencial, reagindo um sobre o outro. A matéria sofre facilmente o predomínio de um fluido exterior; se, com todo o poder moral de que é capaz, a alma não reagir, deixar-se-á dominar por intermédio do seu corpo, seguindo o impulso das influências perversas que a rodeiam, e isso com facilidade tanto maior quanto os invisíveis, que a subjugavam, atacam de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão dominante.

Não ocorre a mesma coisa com o Espírito desencarnado, porquanto, embora sob a influência semimaterial, não se compara por seu estado ao encarnado. **O respeito humano, tão**

preponderante no homem, não existe para aquele, e só este pensamento é bastante para compeli-lo a não resistir longamente às razões que o próprio interesse lhe aponta como boas. Ele pode lutar, e o faz geralmente com mais violência do que o encarnado, visto ser mais livre. Nenhuma cogitação de interesse material, nem de posição social, se antepõe ao seu raciocínio. Luta por amor do mal, mas cedo adquire a convicção da sua impotência, em face da superioridade moral que o domina. A perspectiva de um futuro melhor lhe é mais acessível, por se reconhecer na mesma vida em que se deve completar esse futuro; e essa visão não se turva no turbilhão dos prazeres humanos. Em uma palavra, a independência da carne é que facilita a conversão, principalmente quando se tem adquirido certo desenvolvimento pelas provações cumpridas. Um Espírito inteiramente primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, o que não se dá com o que já tem experiência da vida. Ademais, no encarnado como no desencarnado, é sobre a alma, é sobre o sentimento que se deve agir. Qualquer ação material pode sustar momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, mas é incapaz de destruir o princípio mórbido que reside na alma. *Todo e qualquer ato que não vise a aperfeiçoar a alma, não poderá desviá-la do mal.*

São Luís. ⁽¹²⁾ (itálico do original)

Acreditamos que esse questionamento também pode ter surgido, em parte significativa dos

participantes de reuniões mediúnicas de esclarecimento, razão pela qual o transcrevemos.

Será interessante mencionarmos o Dr. Carl August Wickland (1861-1945), insigne psiquiatra e pesquisador dos fenômenos psíquicos. Nascido na cidade de Liden, Suécia, emigrou-se para os Estados Unidos indo morar em Chicago. ⁽¹³⁾ De sua obra ***Trinta Anos Entre os Mortos***, transcrevemos:

Perguntarão porque os mesmos espíritos que alcançaram um grau maior de evolução não se encarregam dos espíritos apegados à Terra, ensinando-os sem a necessidade de utilizar do recurso da possessão de um intermediário psíquico. A explicação é que muitos destes espíritos ignorantes não podem ser ajudados pelos espíritos avançados enquanto não entrarem em contato com a realidade física. Então não têm outro remédio que se conscientizar de sua verdadeira situação, e seguem pelo caminho do possível progresso.

Ao mesmo tempo que se consegue, mediante a possessão do intermediário psíquico, que o espírito abra os olhos à realidade, o investigador recebe proveitosas lições. Não terminam aí os benefícios, pois se consegue que outros grupos de espíritos, que permanecem na ignorância, se beneficiem com a lição que representa a mudança de conduta do

espírito com o qual se estabeleceu a comunicação.
(¹⁴)

Essa percepção do Dr. Carl August Wickland que “jamais ouviu falar do Espiritismo” (¹⁵), é fantástica, porquanto resulta de sua experiência de trinta anos em contato com os Espíritos, através da mediunidade de sua esposa Anna Wickland (?-1937), esclarecendo-os de sua nova realidade.

No capítulo II - Espíritos felizes, da segunda parte de **O Céu e o Inferno**, lemos a seguinte observação do Codificador:

Pelo que vemos, os Espíritos inferiores são assistidos por Espíritos bons com a missão de os guiar, **tarefa essa que não é exclusivamente delegada aos encarnados**, os quais nem por isso ficam desobrigados de auxiliá-la, visto que também isso constitui para eles meio de progresso. [...]. (¹⁶)

Evidenciado fica que os Espíritos bons também ajudam os inferiores e os malfazejos, não sendo, portanto, tarefa de exclusiva competência nossa. Entendemos que, especificamente, nas reuniões de desobsessão o que existe é uma efetiva parceria de

iniciativa deles para conosco.

Completando essa fala de Allan Kardec, transcrevemos de **No Invisível**, Segunda Parte - O Espiritismo experimental: os fatos, tópico XIX - Transe e incorporações, uma explicação de Léon Denis relativa ao fenômeno da incorporação mediúnica:

[...] As citações que acabamos de fazer provam que a incorporação pode ser real e completa. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, **certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo do médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos** sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. **Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros o entrarem em relação com os Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição.** É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal, e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito. ⁽¹⁷⁾

Portanto, confirma-se a necessidade das reuniões para esclarecimento dos Espíritos pouco adiantados. Em muitas instituições espíritas isso ocorre nas reuniões de desobsessão, não havendo reunião específica para cada uma das situações pela qual poderá se encontrar, ou seja, para os obsessores e os que apenas se encontram “perdidos” no mundo espiritual.

O fato que também nos chamou a atenção foi que alguns deles foram conduzidos a essas reuniões contra a sua vontade, demonstrando, que, às vezes, é necessário restringir o livre-arbítrio dos que, num determinado momento, não têm plena condição de exercê-lo. Mais à frente, em capítulo específico, voltaremos a esse ponto.

Na **Revista Espírita 1863**, mês de março, no tópico “Conversas de além-túmulo”, é registrado o caso de Clara Rivier. Em seu diálogo, encontramos esta sua observação, que julgamos interessante:

[...] **A obsessão e a subjugação são, é verdade, provas para aqueles que delas são objetos, mas, ao mesmo tempo, são um caminho aberto às convicções novas.** Esses fatos forçam

a falar dos Espíritos, dos quais não se pode negar a existência, vendo o que eles fazem. (18)

Sim, como a obsessão é fenômeno que ocorre com qualquer pessoa, os que não adeptos do Espiritismo que a sofrem, acabam por procurar as instituições espíritas para auxiliá-los, e aí descobrem uma realidade da qual não faziam a menor ideia.

Das instruções de Erasto relativas ao caso da Senhorita Julie, publicadas na **Revista Espírita 1864**, mês janeiro, destacamos mais dois pontos: o primeiro é a evocação dos Espíritos superiores, pedindo auxílio nos casos de obsessão; e o segundo é a prece:

“[...] É preciso não só uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. **Ao Espírito encarnado** que se encontra, como Júlia, **em estado de possessão**, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade Espírita; é preciso que seja, além disso, de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessor, é necessária a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrestre; encarnado sobre

encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. [...].

“Isso nos demonstra o que tereis de fazer doravante **nos casos de possessão manifesta**; é indispensável chamar em vossa ajuda o concurso de um Espírito elevado, gozando, ao mesmo tempo, de um poder moral e fluídico, [...] Além disso, nosso concurso é dado a todos aqueles que nos chamarem em sua ajuda, com pureza de coração e fé verdadeira.

“[...] Quando se magnetizar Julie, será preciso primeiro proceder pela fervorosa **evocação do cura d’Ars e de outros bons Espíritos que se comunicam habitualmente entre vós**, rogando-lhes agirem contra **os maus Espíritos que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas**. Não é preciso esquecer, no mais, que a prece coletiva tem um **poder muito grande**, quando é feita por certo número de pessoas agindo em acordo, com uma fé viva e um desejo ardente de aliviar.”

Erasto (*Médium: Sr. d’Ambel*) ⁽¹⁹⁾ (itálico do original)

Observamos que o Espírito Erasto está também dizendo sobre a importância de se evocar a assistência dos Espíritos superiores para que, nos casos das obsessões em que simultaneamente ocorre a possessão, eles possam auxiliar no processo

de libertação dos envolvidos nas teias de um obsessor.

Alerta-nos, ainda, para o poder da prece, a qual devemos fazer a favor dos Espíritos obsessores.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”, temos estas duas notas de Allan Kardec que merecem destaque:

Nota. – [...] Mas os bons Espíritos não os abandonam; eles se esforçam por lhes inspirar bons pensamentos; espiam os menores sinais de progresso e, desde que vejam despontar neles o germe do arrependimento, provocam as instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. **Essas instruções** lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; **podem também sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível.** No caso de que se trata, era útil à reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte daqueles que tinham a se lamentar dela, e que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. **Tal é a razão pela qual a intervenção dos homens é com frequência requerida para a melhoria e o alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão.** A dos bons Espíritos, seguramente, basta, mas **a caridade dos homens para com seus irmãos da**

erraticidade é, para eles mesmos, um meio de adiantamento que Deus lhes reservou. ⁽²⁰⁾

Nota. – **Os Espíritos, como se vê, não são nem inativos nem indiferentes com relação aos Espíritos sofredores**, que é preciso conduzir ao bem; **mas quando a intervenção dos homens pode ser útil, deixam-lhes a iniciativa e o mérito**, sob a condição de secundá-los com seus conselhos e seus encorajamentos. ⁽²¹⁾ (itálico do original)

Allan Kardec oferece-nos instruções para o nosso trabalho de ajuda e alívio que, como seguidores do Cristo, devemos fraternalmente prestar aos Espíritos sofredores.

Falamos várias vezes sobre reunião específica sem, entretanto, trazermos algo mais pontual que pudéssemos tomar como base para criá-las. Propositadamente, deixamos para dizer, neste momento, algo que reforce isso.

Da **Revista Espírita 1864**, transcrevemos este trecho da correspondência do Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, França, a Allan Kardec:

“[...] **Seguindo o conselho de nossos guias espirituais**, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, começaram **nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo**, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma **magnetização mental**. **As reuniões ocorriam todas as noites** e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise.” (22)

Portanto, é oportuno destacar que foram os próprios guias espirituais quem sugeriram a realização de reuniões para evocar os Espíritos inferiores, visando a moralização deles.

Um detalhe que nos chamou a atenção: no caso específico, se realizava reunião “todas as noites” e não só uma vez por semana, como geralmente se faz nos dias atuais na grande maioria das casas espíritas.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de junho, Allan Kardec registra o recebimento de uma carta que lhe foi dirigida por “um dignitário do Império Russo”, da qual destacamos o seguinte trecho:

O objetivo principal a que nos propomos é o alívio dos Espíritos sofredores, tanto encarnados quanto desencarnados. Nossas

reuniões têm lugar duas vezes por semana.

Tratamos de alcançar a unidade de pensamento, e, para a isto chegar, cada um dos assistentes, durante toda a duração da sessão, guarda o mais recolhido silêncio, e quanto à questão posta aos Espíritos é lida em alta voz, cada um de nós pede mentalmente a ajuda a seu anjo protetor a fim de obter uma resposta verdadeira. **Tendo, o mais frequentemente, nas evocações relações com Espíritos de uma ordem inferior, a dos Espíritos obsessores,** e conhecendo, por experiência, a eficácia da prece em comum, **com isso temos quase sempre recursos para esclarecer e aliviar esses infelizes.** [...]. ⁽²³⁾

A especialização da reunião fica algo claro. Portanto, diremos sem hesitar: ela é altamente recomendável. Quanto à questão das evocações, será um tema que desenvolveremos, com maior profundidade, mais à frente no item 7 do capítulo 5.

3. Além da evocação das companhias espirituais, teria algo mais a se fazer a favor do paciente?

Se considerarmos que “a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral” (24) e que também as “imperfeições morais do obsidiado constituem, quase sempre um obstáculo à sua libertação.” (25), então, julgamos que “para obter a cura, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.” (26)

É na **Revista Espírita 1862**, mês de dezembro, no artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine”, teremos um complemento desses pensamentos do Codificador:

Acrescentamos, enfim, que **certas obsessões** tenazes, sobretudo nas pessoas merecedoras, algumas vezes, **fazem partes das provas** às quais estão submetidas. **“Ocorre mesmo algumas vezes que a obsessão, quando é simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor,** como um pai à de um

filho viciado.” (27)

Muito interessante essa informação, pois ela nos apresenta algo inusitado em relação ao fenômeno da obsessão: é que fica na responsabilidade do obsidiado o encargo de ajudar a seu obsessor.

Embora o tratamento do doente também tenha relação aos maus fluidos, pode-se, muito bem, aplicar de forma generalizada a todos os obsidiados quanto à necessidade indispensável de sua melhoria moral visando a sua libertação.

O que estamos propondo, sem a mínima intenção de ser dono da verdade, é que os obsidiados sejam instruídos quanto à necessidade de se preocuparem com sua melhoria moral, para, definitivamente, eliminar em si as causas que, por sintonia vibracional, atraem os Espíritos maus.

Para exemplificar uma situação diferenciada, vejamos na **Revista Espírita 1863**, mês de janeiro, o artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine”, em que um Espírito superior fez a seguinte

recomendação a respeito de um caso de uma jovem que atraiu para junto de si vários Espíritos maus:

“[...] podeis curá-la, mas é preciso para isso uma força moral capaz de vencer a resistência, e essa força não é dada a um só. **Que cinco ou seis Espíritos sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes, e peçam com fervor a Deus e aos bons Espíritos para assisti-la;** que vossa ardente prece seja, **ao mesmo tempo, uma magnetização mental; não tendes, para isto, necessidade de estar junto dela, ao contrário; pelo pensamento podeis levar sobre ela uma corrente fluídica salutar,** cuja força estará em razão de vossa intenção e aumentada pelo número; por esse meio, podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus, e esperai.” (28)

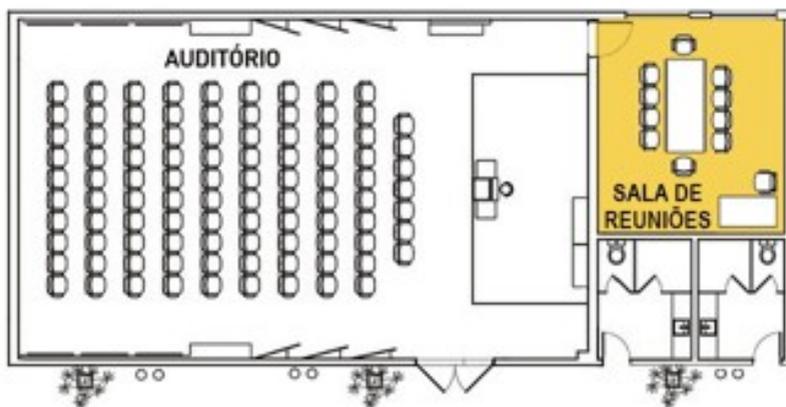
Concluindo esse artigo, disse o Codificador:

O modo de ação está aqui claramente indicado, e não saberíamos acrescentar nada de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. **A prece** não tem, pois, só o efeito de chamar, sobre o paciente, um socorro estranho, mas **o de exercer uma ação magnética.** O que não se poderia, pois, pelo magnetismo secundado pela prece! Infelizmente, certos magnetizadores fazem muito, a exemplo de muitos médicos, abstração do elemento espiritual; eles não veem senão a ação

mecânica, e se privam assim de um poderoso auxiliar. **Esperamos que os verdadeiros Espíritas verão mais tarde, nesse fato, uma prova a mais do bem que poderão fazer em semelhante circunstância.** (29)

Não há como negar que, em certos casos, poderá ocorrer a cura da obsessão utilizando-se apenas desse processo. A nossa experiência nessas reuniões, no entanto, nos convenceu de usá-lo.

Numa das instituições que frequentamos se criou uma reunião específica para o trato das obsessões, na qual o paciente também deveria comparecer. Usaremos desta imagem para melhor explicar (30):



Os pacientes, cujo “tratamento” se realizava na reunião, ficavam no auditório assistindo a exposição de um orador, cujos temas tinham como foco principal o aspecto moral dos ensinamentos do Cristo, detalhados por Allan Kardec na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Enquanto isso, na sala de reuniões, a equipe de encarnados empenhava-se na tarefa de estabelecer um diálogo fraterno com os obsessores.

Somente não se exigia a participação na reunião dos pacientes que não podiam se locomover, seja por motivo de saúde, seja por alguma outra razão que justificasse a sua ausência.

Do artigo “Intervenção dos parentes nas curas”, publicado na ***Revista Espírita 1867***, mês de junho, transcrevemos trecho da carta enviada pelo Dr. Dombre, de Marmande, ao Codificador e seus respectivos comentários:

“já há algum tempo que não conversamos sobre o resultado de nossos trabalhos Espíritas que prosseguimos com perseverança e, estou feliz em dizê-lo, com sucessos satisfatórios. **Os obsidiados e os doentes são sempre objeto de nossos**

cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.

“Nossos bons Espíritos, que se devotam à propagação do Espiritismo, tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de doenças, eles pedem o concurso dos parentes: **um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo são requeridos para fazer passes**. Essas bravas criaturas ficam surpresas de deter as crises, de acalmar as dores. Este meio é, isto me parece, engenhoso e seguro para fazer adeptos, também a confiança se estende cada vez mais em nossa região. Os grupos que se ocupam de curas talvez fariam bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados obtidos provariam de modo evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que **a faculdade de curar ou aliviar seu semelhante não é o privilégio exclusivo de algumas pessoas; que não é preciso, para isto, senão boa vontade e confiança em Deus**; não falo de uma boa saúde que é condição indispensável, se o compreendem. Em reconhecendo que se tem em si mesmo esse poder, adquire-se a certeza de que não há malabarismos, nem sortilégio, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as ideias supersticiosas.

“Eis alguns exemplos de curas obtidas.

“Uma menina de 6 a 7 anos estava acamada, tendo uma dor de cabeça contínua, febre, uma tosse frequente com escarro, uma dor viva do lado

esquerdo; dor também nos olhos que se recobriam, de tempo em tempo, de uma substância leitosa, formando uma espécie de fronha. Sob os cabelos, a pele do crânio estava recoberta de películas brancas; a urina espessa e turva. A criança fraca e abatida não comia nem dormia. O médico tinha acabado por suspender suas visitas. A mãe, *pobre*, em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. **Nossos guias consultados prescreveram, por todo remédio, a imposição das mãos, os passes fluídicos da parte da mãe,** recomendando-me ir, durante alguns dias, fazê-la ver como a isto se prender. Comecei por fazer levantar os vesicatórios e fazê-los secar. **Depois de três dias de passes e de imposição de mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuados a título de lições, mas feitos com alma, a criança pediu para se levantar;** a febre estava detida, e todos os acidentes descritos mais acima desapareceram ao cabo de dez dias.

“Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, me fez chamar, dois dias mais tarde, junto de uma outra menina de 3 ou 4 anos que tinha febre. Depois dos **passes e imposição das mãos**, a febre cessou, desde o primeiro dia.

“As curas de algumas obsessões não nos deram menos satisfação e confiança. Marie B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto de Marmande, se punha nua como um verme, corria pelos campos, e ia se deitar ao lado de um cão num buraco de palha. **A moralização do obsessor de nossa parte, e os passes fluídicos feitos pelo marido, segundo nossas instruções, logo**

a libertaram. Toda a comuna de Samazan foi testemunha da impotência da medicina em curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para conduzi-la ao estado normal.

“A senhora D..., com a idade de 22 anos, da comuna de Sainte-Marthe, não longe de Marmande, **caía em crises extraordinárias e violentas**; ela rugia, mordida, rolava, sentia golpes terríveis no estômago, desmaiava, e, frequentemente, ficava quatro ou cinco horas sem conhecimento; uma vez ela ficou oito dias sem recobrar sua lucidez. O Sr. doutor T... tinha-lhe em vão dado seus cuidados. **O marido, ao cabo de cursos junto das pessoas da arte, dos padres de nossa região, reputados curadores exorcistas, adivinhos, porque confessou tê-los consultado, se dirige a nós** com o pedido de consentirmos nos ocupar de sua mulher se, como lhe foi reputado, estava em nosso poder curá-la. Prometemos escrever-lhe para lhe indicar o que deveria fazer.

“**Nossos guias nos disseram:** Que cesse todo tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido elevasse sua alma a Deus, **que impusesse as mãos sobre a frente de sua mulher e lhe fizesse passes fluídicos com amor e confiança**; que observasse pontualmente as recomendações que iríamos fazer-lhe, embora qualquer contrariedade que disso possa sentir (seguem essas recomendações que são todas pessoais), e se compenetre bem da ideia de que são necessárias ao proveito de sua pobre aflita, ele terá logo a sua recompensa.

“Disseram-nos também para chamar e moralizar o Espírito obsessor, sob o nome de *Lucie Cédar*. Este Espírito revela a causa que o levava a atormentara Sra. D... Essa causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Este último estando conforme com tudo, teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre, no espaço de dez dias. Ele me disse: Uma vez que os Espíritos se comunicam, não me admiro que tenham vos dito que não era conhecido de mim, mas estou bem mais admirado de que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se estivesse me dirigido a vós desde o início, teria 150 fr. em meu bolso, que ali não estão mais, e que despendi em medicamentos.

"Eu vos aperto muito cordialmente a mão,

“DOMBRE.”

Estes fatos de curas nada têm de mais extraordinário do que aqueles que já citamos, provindos do mesmo centro; mas eles provam, pela persistência do sucesso, há vários anos, o que se pode obter com a perseverança e o devotamento, também **a assistência dos bons Espíritos nisso jamais falta. Eles não abandonam senão aqueles que deixam o bom caminho**, o que é fácil de reconhecer pelo declínio dos sucessos, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são à prova das vicissitudes da vida. Eles elevam aquele que se abaixa, e abaixam aquele que se eleva. Isto se

aplica a todos os gêneros de mediunidade.

[...].

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma ideia nova cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis; é a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. [...]. ⁽³¹⁾ (itálico do original)

Destacam-se três pontos: **1º)** a questão do uso de passes; **2º)** o pedido oportuno de orientação aos Espíritos coordenadores da reunião e **3º)** a participação dos parentes no processo de cura dos obsediados.

Que tudo isso sirva de exemplo para todos que aceitarem de bom grado participar dessas reuniões.

4. Alcoolismo como efeito de obsessão



O alcoolismo ⁽³²⁾ é uma dolosa situação, que, em alguns casos, pode surgir como origem de uma obsessão, por isso merece, de nossa parte, algumas explicações dado o seu relevante papel entre as suas várias causas.

É bem provável que o móvel da esmagadora maioria dos casos de obsessão seja por motivo de vingança que o desencarnado exerce sobre o encarnado, conforme podemos confirmar em:

1º) **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, cap. XXIII – Obsessão, no item 245:

As causas da obsessão variam de acordo com o caráter do Espírito. **Às vezes é uma vingança que ele exerce sobre a pessoa que o magoou nesta vida ou em existências anteriores.** [...] ⁽³³⁾

2º) **O Evangelho Segundo o Espiritismo**,
cap. XXVIII – Coletânea de preces espíritas, item 81:

A obsessão exprime quase sempre a vingança exercida por um Espírito e que com frequência tem sua origem nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência. [...]. ⁽³⁴⁾

3º) **A Gênese**, cap. XIV – Os fluidos, item 46:

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e sua origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência. ⁽³⁵⁾

Boa parte das causas tem relação direta com a “fraqueza moral de certos indivíduos” ⁽³⁶⁾ que os Espíritos inferiores, deliberadamente, podem se aproveitar, de tal sorte que, conforme nos esclarece o Codificador, “a pessoa sobre quem ele atua não consegue se desembaraçar.” ⁽³⁷⁾

Por outro lado, sabemos que os vícios das mais variadas natureza também são outras tantas “portas

abertas” à obsessão. Um exemplo clássico que podemos citar é justamente o alcoolismo, muito bem exemplificado nesta imagem (38):



A situação inusitada que, algumas vezes, encontramos na prática diária, que é preciso mencionar, é que, em determinadas situações obsessivas, o Espírito, que em vida foi um alcoólatra, pode induzir sua vítima ao alcoolismo, ainda que ela não tenha o hábito de ingerir bebidas alcoólicas.

A ação tenaz e persistente do habitante do além-túmulo, ao final de um certo tempo, acaba por vencer toda e qualquer resistência do encarnado, fazendo-o cair “nas águas profundas” desse vício.

5. Condições ideais de uma reunião mediúnica

Dentro da nossa visão, que pode estar equivocada, pois jamais nos colocamos como sendo “o dono da verdade”, teremos vários itens para desenvolver sobre esse tema. Preferimos dessa forma pois os seus detalhes nos permitirão compreender melhor as características desse tipo de reunião mediúnica bem como a responsabilidade de cada um dos seus participantes.

A seguir faremos considerações sobre alguns tópicos relacionados às reuniões mediúnicas, trazendo-as para o contexto das que têm objetivo o esclarecimento dos Espíritos.

5.1. O estudo doutrinário é a primeira e a mais importante tarefa a ser feita

É importante relembrarmos esta frase do Espírito de Verdade: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; **instruí-vos, este o**

segundo.” ⁽³⁹⁾ É uma recomendação geral, mas acreditamos que ela deve ser observada à risca por todos aqueles que venham a se dedicar às reuniões de desobsessão.

Embora em **O Que é o Espiritismo** (1859), Allan Kardec tenha se referido aos que se interessassem em conhecer o Espiritismo, acreditamos que a sua orientação poderá valer para todos os membros de uma reunião mediúnica.

[...] o melhor meio de se esclarecerem sobre o Espiritismo é **estudarem previamente a teoria**; os fatos virão depois, naturalmente, e serão compreendidos facilmente, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias os façam vir. [...].

[...].

[...] **deve-se ler O Livro dos Espíritos**, no qual os princípios da Doutrina estão completamente desenvolvidos; **depois, O Livro dos Médiuns**, para a parte experimental, destinado a servir de guia para os que desejarem operar por si mesmos, bem como aos que quiserem compreender melhor os fenômenos. **Vêm depois as diversas obras em que são desenvolvidas as aplicações e as conseqüências da Doutrina**, tais como: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* etc. ⁽⁴⁰⁾

Acreditamos que o Codificador está coberto de razão quando nos faz entender que primeiro é preciso conhecer para depois praticar.

Em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXXI - Dissertações espíritas, no tópico “Comunicações apócrifas”, Allan Kardec analisa uma mensagem assinada com o nome “Bossuet, Alfred de Marignac”, que concluiu não ser dele. Aí comenta:

Realmente, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o prestígio de um grande nome, é que anima os Espíritos embusteiros. Todos, pois, devem consagrar a máxima atenção em lhes frustrar os embustes; porém, ninguém pode chegar a isso senão com o auxílio da experiência adquirida por meio de um estudo sério. É por isso que repetimos incessantemente: estudai, antes de praticardes, pois esse é o único meio de não adquirirdes a experiência à vossa própria custa.
(⁴¹)

Esta é uma lição que jamais devemos nos esquecer: há no mundo espiritual Espíritos embusteiros que não têm o menor constrangimento em utilizar-se do nome de algum personagem

renomado.

Acreditamos ser o estudo prévio até imprescindível ao vermos este trecho do artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de janeiro:

[...] *O exercício da mediunidade pode provocar no indivíduo a invasão de maus Espíritos e suas consequências?*

Jamais dissimulamos os escolhos que se encontram na mediunidade, razão por que multiplicamos as instruções, a esse respeito, em **O Livro dos Médiuns**, e **não cessamos de recomendar o estudo preliminar antes de se entregar à prática**; também, depois da publicação deste livro, o número de obsidiados diminuiu sensivelmente e notoriamente, porque **ele poupa uma experiência que os novatos não adquirem**, frequentemente, senão às suas custas. Dizemo-lo ainda, sim, **sem experiência, a mediunidade tem inconvenientes dos quais o menor seria ser mistificado por Espíritos enganadores ou levianos**; praticar o Espiritismo experimental sem estudo, é querer fazer manipulações químicas sem saber a química.

[...].

A presunção de se crer invulnerável contra os maus Espíritos foi mais de uma vez punida de modo cruel, porque não são desafiadas jamais

impunemente pelo orgulho; o orgulho é a porta que lhes dá o acesso mais fácil, porque ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso quando tomado pelo seu lado fraco. **Antes de se dirigir aos Espíritos, convém, pois, se armar contra o ataque dos maus**, como quando se caminha sobre um terreno onde se teme a mordedura de serpentes. **A isto chega-se primeiro pelo estudo preliminar que indica o caminho e as precauções a tomar**, depois pela prece; mas é preciso bem se compenetrar da verdade, que o único preservativo está em si, em sua própria força, e jamais em coisas exteriores, e que **não há nem talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia, se não se possui em si as qualidades necessárias**; são, pois, estas qualidades que é preciso se esforçar em adquirir. ⁽⁴²⁾

Portanto, o passo inicial para os que quiserem criar uma reunião de desobsessão ou esclarecimento é se “concentrarem” ⁽⁴³⁾ no estudo dos livros publicados por Allan



Kardec relacionados à Codificação Espírita e, em especial, a obra *O Livro dos Médiuns*, uma vez que, segundo seu pensamento, trata-se do Espiritismo

experimental e assim ser o “guia dos médiuns e dos evocadores”.

Como avisamos, tomemos novamente a obra **O Finito e o Infinito** (1983), onde destacaremos outro aspecto da fala de Herculano Pires:

[...] Kardec [...] nem permitia que uma pessoa assistisse a uma sessão sem antes haver tomado conhecimento da doutrina. **O preparo teórico é indispensável à compreensão dos fenômenos.** As manifestações espíritas são às vezes tão simples, tão naturais, que a pessoa habituada à ideia do sobrenatural não consegue aceitá-las. É preciso mostrar-lhe, antes de tudo, que o fenômeno é natural. **Só a explicação teórica pode preparar uma pessoa para a compreensão do que se passa.** ⁽⁴⁴⁾

Com muito mais razão, o estudo teórico deve ser prática diária de todos aqueles que manifestarem desejo de participar da reunião, pois somente devem ser admitidos nela os que estudaram as obras da Codificação, especialmente, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, para terem uma mínima base teórica da qual falou Herculano Pires.

Em **Chico Xavier, Mandato de Amor** (1993),

publicação da UEM – União Espírita Mineira, no cap. IV – Suas palavras ao longo do tempo, destacamos do tópico “Entrevistas do médium Chico Xavier” a seguinte questão:

Pergunta – **A cultura é essencial** para uma pessoa ser médium?

Resposta – A mediunidade pode manifestar-se através da pessoa absolutamente inculta, mas os bons espíritos são de parecer que **todos os médiuns são chamados a estudar, a fim de servirem com mais segurança.** ⁽⁴⁵⁾

Eis a opinião de alguém que é considerado por muitos o maior médium brasileiro ⁽⁴⁶⁾, que, inspirado, estende a nossa necessidade de estudo além das fronteiras das obras espíritas.

Como já deixamos claro, julgamos que nas reuniões de desobsessão o estudo sempre deve preceder à parte prática e quando essa se iniciar, a opção mais viável, será a de estudar *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, evitando-se, obviamente, conflito de opiniões.

Na **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro,

em “Boletim” encontra-se o registro de que na sessão particular do dia 21.10.1859, foi lida a ata e os trabalhos do dia 14. Dela destacamos o seguinte trecho:

2º O senhor de R... propôs a evocação de seu pai, por considerações de utilidade geral e não pessoais, presumindo que disto possa sair um ensinamento.

São Luís, interrogado sobre a possibilidade desta evocação, respondeu: **Vós o podeis** perfeitamente; **entretanto**, eu vos faria notar, meus amigos, que **esta evocação requer uma grande tranquilidade de espírito; esta noite, discutistes longamente assuntos administrativos**, e **creio que será bom remetê-la a uma outra sessão**, tendo em vista que pode ser mais instrutiva. ⁽⁴⁷⁾

Certamente que quando estamos em meio a debates acalorados, acabamos por nos colocar em estado de irritação e com isso “contaminamos” o ambiente em razão da conseqüente energia negativa que emitimos nessas circunstâncias.

Vamos encontrar na **Revista Espírita 1860**, mês de agosto, em “Boletim”, temos na sessão particular do dia 20.07, uma orientação bem curiosa

de São Luís:

Depois da sessão, numa comunicação privada, perguntando-se a **São Luís** se ele estava satisfeito, respondeu: “Sim e não; **errais em tolerar os cochichos contínuos de certos membros, quando os Espíritos são questionados.** Tendes, às vezes, comunicações que pedem réplicas sérias de vossa parte, e respostas mais sérias ainda da parte **dos Espíritos evocados** que, com isso, crede-o bem, **sentem descontentamento**; daí nada de completo, porque **o médium, que escreve, sente ao seu redor graves distrações nocivas ao seu ministério.** Há uma coisa séria a fazer, é ler, na próxima sessão, estas observações, que serão compreendidas por todos os sócios, **dizei-lhes que aqui não é um gabinete de conversa.**” ⁽⁴⁸⁾

Além do fato dos Espíritos manifestantes não toleraram os cochichos, esses provocam “ruídos”, ou seja, “graves distrações nocivas”, prejudicando a captação de seus pensamentos pelo médium.

5.2. Homogeneidade a meta indispensável para todos

Traremos, agora, dois pontos de suma importância a respeito das reuniões mediúnicas:

1º) Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, cap. XXIX – Reuniões e Sociedades Espíritas, no item 331, o Codificador explica que:

Uma reunião é **um ser coletivo**, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros, formando uma espécie de feixe. Ora, **quanto mais homogêneo for esse feixe, tanto mais força terá.** [...]. ⁽⁴⁹⁾

Para tornar mais explícita essa orientação, vamos recorrer à “Resposta do Sr. Allan Kardec” aos espíritas lioneses, publicada na **Revista Espírita 1860**, mês de outubro, em que lemos:

Está reconhecido que as melhores comunicações são obtidas **nas reuniões pouco numerosas, naquelas sobretudo onde reinem a harmonia e a comunhão de sentimentos**: ora, quanto mais o número é grande, mais esta homogeneidade é difícil de se obter. [...] **Os pequenos grupos, ao contrário, serão sempre mais homogêneos**; nele se conhece melhor, se está sempre em família, admite-se melhor quem se quer; e, como, em definitivo, **todos tendem ao mesmo objetivo, podem perfeitamente se entender**, e se entenderão tanto melhor quanto não houver esse choque incessante, incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito.

[...]. (50)

Embora o Codificador estivesse mais preocupado com as divergências de opiniões, em razão de a Doutrina Espírita ser incipiente, acreditamos que essa sua recomendação também vale para os dias atuais, especialmente quanto aos quesitos harmonia e comunhão de pensamento.

Acrescentaremos, por oportuno, um trecho do artigo “Princípio vital das sociedades espíritas”, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de junho:

[...] ora, mantenho que **não há reunião espírita séria possível sem homogeneidade**. Por toda parte **onde há divergência de opinião, há tendência a fazer prevalecer a sua, desejo de impor suas ideias ou sua vontade**; daí discussões, dissensões, depois dissolução: isto é inevitável, e **é o que ocorre em todas as sociedades, qualquer que seja seu objeto**, onde cada um quer caminhar em caminhos diferentes. O que é necessário nas outras reuniões **é mais necessário ainda nas reuniões espíritas sérias, onde a primeira condição é a calma e o recolhimento, que são impossíveis com discussões** que fazem perder o tempo em coisas inúteis; é então que os bons Espíritos dela se vão e deixam o campo livre aos Espíritos trapalhões. **Eis**

porque as pequenas assembleias são preferíveis; a homogeneidade de princípios, de gostos, de caracteres e de hábitos, condição essencial da boa harmonia, nelas é mais fácil obter do que nas grandes assembleias. ⁽⁵¹⁾

Especificamente em relação às reuniões mediúnicas, das quais estamos tratando, a questão das “pequenas assembleias são preferíveis” será abordada mais à frente.

Do artigo “O Espiritismo na Bélgica”, publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de outubro, destacamos o seguinte parágrafo:

A homogeneidade, a comunhão de pensamentos e de sentimentos são para os grupos Espíritas, como para quaisquer outras reuniões, a condição sine qua non de estabilidade e de vitalidade. É para esse objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que é tanto mais fácil atingi-lo quanto as reuniões sejam menos numerosas. Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a ingerência de elementos heterogêneos que, cedo ou tarde, semeiam a divisão; mas pequenas reuniões, onde todo o mundo se conhece e se aprecia, se está como em família, o recolhimento é maior, e a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos

elementos dos quais se compõem as grandes reuniões os torna, por isso mesmo, mais vulneráveis às surdas astúcias dos adversários. ⁽⁵²⁾

Portanto, Allan Kardec faz da homogeneidade, que é mil vezes mais fácil de se conseguir em reuniões com reduzido número de pessoas, uma condição indispensável tanto para o grupo espírita como um todo, quanto para as várias reuniões que se realizam nele. Obviamente, que entre elas se inclui às destinadas ao diálogo com Espíritos promotores de obsessões.

2ª) Em **O Livro dos Médiuns** (jan/1861), 2ª parte, cap. XXXI - Dissertações Espíritas, no tópico “Sobre as Sociedades Espírita”, mensagem XXI, temos um importante alerta de Fénelon:

Meus amigos, quereis **formar um grupo espírita** e eu o aprovo, porque **os Espíritos não podem ver com satisfação que os médiuns se conservem isolados**. Deus não lhes concedeu essa sublime faculdade somente para eles, mas para o bem de todos. Comunicando-se com outros, eles **terão mil oportunidades de se esclarecerem sobre o mérito das comunicações** que recebem, ao passo que, **isolados, estão muito melhor sob o domínio dos Espíritos**

mentirosos, que ficam muito contentes por não sofrerem nenhuma fiscalização. Eis o que vos deixo e, se o orgulho não vos subjuga, compreenderéis e aproveitareis. Aqui vai agora para os outros.

Estais bem certos do que deve ser uma reunião espírita? Não, visto que, no vosso zelo, **julgais que o melhor que tendes a fazer é reunir o maior número possível de pessoas, a fim de as convencerdes**. Desenganai-vos. **Quanto menos pessoas, mais obtereis**. É principalmente pelo ascendente moral que exercerdes que atraireis os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverdes. Se somente os atrairdes pelos fenômenos, os que vos procurarem serão movidos apenas pela curiosidade; topareis com curiosos que não acreditarão em vós e que zombarão de vós. Se, entre vós, só se encontrarem pessoas dignas de apreço, muitas, talvez, não vos acreditem, mas vos respeitarão e o respeito inspira sempre a confiança. Estais convencidos de que o Espiritismo deve produzir uma reforma moral. **Seja, pois, o vosso grupo o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs**, visto que, nesta época de egoísmo, é nas Sociedades Espíritas que a verdadeira caridade há de encontrar refúgio. ⁽⁵³⁾ Tal deve ser, meus amigos, um grupo de verdadeiros espíritas. De outra vez, vos darei novos conselhos. ⁽⁵⁴⁾

Certamente que o pensamento de alguns adeptos do Espiritismo é que a presença de leigos

nas reuniões espíritas seria um fator de convencimento deles, algo que Fénelon diz não fazer nenhum sentido.

Como ainda veremos, a quantidade de participantes numa reunião influirá diretamente na homogeneidade do grupo.

5.3. Reuniões de “portas abertas”, como assim?

Destacamos da *Revista Espírita 1860*, mês de setembro, o seguinte trecho das instruções de Allan Kardec, na Sociedade, em 24/08/1860:

“Cremos dever lembrar às **pessoas estranhas à Sociedade**, e que não estariam ao corrente de nossos trabalhos, que não fazemos nenhuma experiência, e que elas se enganariam se cressem achar aqui assuntos de distração. Ocupamo-nos seriamente com coisas muito sérias, mas pouco interessantes e pouco inteligíveis para quem é estranho à ciência espírita. **Como a presença dessas pessoas seria inútil para elas mesmas, e poderia ser uma causa de perturbação para nós, nos recusamos a admitir aquelas que dela não possuam ao menos os primeiros elementos, e sobretudo aquelas que não lhe seriam simpáticas.** Somos, antes de tudo, uma

Sociedade científica de estudos, e não uma Sociedade de ensino; nós nunca convocamos o público, porque sabemos, por experiência, que a convicção não se forma senão por uma longa sequência de observações, e não por haver assistido a algumas sessões que não apresentam nenhuma continuidade metódica. Eis porque não fazemos demonstrações que estariam a recomendar a cada dia, e nos deteriam em nosso trabalho. Se, apesar disso, se encontrarem aqui pessoas que não fossem atraídas senão pela curiosidade, ou que não partilham a nossa maneira de ver, nós lhes pedimos para que se lembrem que não as convidamos, e esperamos de sua decência o respeito às nossas convicções, como respeitamos as suas. **Não reclamamos de sua parte senão o silêncio e o recolhimento. Sendo o recolhimento uma das recomendações mais expressas da parte dos Espíritos**, que consentem em se comunicarem conosco, convidamos com instância as pessoas presentes a se absterem de toda conversação particular.” (55)

Na vida real, é bem provável que as “pessoas estranhas” não possuem conhecimento mínimo do que sejam as reuniões mediúnicas, e aí, segundo o Codificador, são causadoras de perturbação. É lembrado que os Espíritos sempre se reportam à questão do recolhimento necessário para o bom andamento das reuniões.

Um pouco mais à frente lemos:

O presidente faz observar que a Sociedade é necessariamente limitada pelo tempo, mas que tudo o que **os seus membros obtêm em seu particular**, e que querem a ela trazer, deve ser considerado como um complemento de seus trabalhos. Ela não deve, pois, considerar como lhe fazendo parte somente o que obtêm em suas sessões, mas igualmente tudo o que lhe vem de fora e pode servir para a sua instrução. Ela é o centro onde vêm chegar os estudos privados para o bem de todos; ela os examina, os comenta, e deles se aproveita se há lugar. Para os médiuns, é um meio de controle, que, esclarecendo-os sobre as comunicações que recebem, pode preservá-los de mais de uma decepção. **Os Espíritos, aliás, preferem, frequentemente, se comunicar na intimidade, onde há necessariamente mais recolhimento que nas reuniões numerosas**, pelos instrumentos de sua escolha, nos momentos que lhes convém, e em circunstâncias que nem sempre nos é dado apreciar. Em concentrando essas comunicações, cada um aproveita assim todas as vantagens que elas podem oferecer. ⁽⁵⁶⁾

Dizendo que os Espíritos preferem se comunicar na intimidade por haver maior recolhimento, deixa claro que isso vale tanto para os bons que instruem, quanto para os maus que nos

servem de exemplo.

Vamos recorrer novamente ao artigo “Princípio vital das sociedades espíritas”, constante da **Revista Espírita 1862**, para destacar este trecho do seu último parágrafo:

[...] O essencial é formar um núcleo de fundadores titulares, **unidos por uma perfeita comunhão de objetivos, de opiniões e de sentimentos**, e de **estabelecer regras precisas às quais deverão se submeter, forçosamente, aqueles que virão, mais tarde, a ela se reunir**. Remetemos, a esse respeito, ao regulamento da Sociedade de Paris e às instruções que demos sobre esse assunto. **Nosso mais caro desejo é o de ver a união e a harmonia reinarem entre os grupos e sociedades** que se formam por todas as partes; é por isso que consideramos sempre um dever ajudar com os conselhos de nossa experiência àqueles que crerem dever dela se aproveitar. Limitar-nos-emos, no momento, a dizer-lhes: **Sem homogeneidade não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união não há estabilidade; sem estabilidade não há calma; sem calma não há trabalho sério; de onde concluímos que a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita.** [...] (57) (itálico do original)

Allan Kardec evidencia que o princípio vital de uma reunião mediúnica séria é a homogeneidade entre seus participantes, bem como da própria sociedade espírita, em relação aos seus membros.

Da obra **No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada** (1931), de autoria J. Arthur Findlay (1833-1964), cujo foco são as reuniões materializações, vamos destacar o seguinte trecho:

[...] O círculo, no entanto, tinha um núcleo formado pelos que frequentavam regularmente as reuniões, os quais contribuíam para os resultados, como sempre acontece, porque **os que são assíduos concorrem para estabelecer as condições do ambiente.**

Dentre essas condições, **a harmonia é a mais essencial ao êxito da sessão** e eu sempre achei que **os melhores resultados se obtêm quando harmonizados se encontram os assistentes e exclusivamente bons sejam os sentimentos.** Presentes **pessoas antipáticas umas às outras, ou perturbadas e de certo modo excitadas, desfavoráveis se tornam as condições do ambiente.** Por essa razão, **desavisado é que um grupo de novatos faça reuniões com um médium altamente desenvolvido e espere bons resultados,** da primeira vez. Semelhante coisa é

impossível, pelo que sempre foi tido como de bom aviso que o maior número possível de frequentadores habituais compareça, a fim de que boas se mantenham as condições, **embora se permita que estranhos assistam às experiências, se beneficiem com elas ou recebam o conforto que proporcionam.** Os que as frequentam regularmente já transpuseram a fase da dúvida e do cepticismo, fase em que vêm à tona todas as ideias pessoais. Esses são os que já tiveram experiências suas, obtendo manifestações de amigos seus do Além. Aptos se acham, portanto, a conservar-se em atitude plácida, o que auxilia a frustrar qualquer adversa influência, oriunda de um ou de alguns dos adventícios. ⁽⁵⁸⁾

[...] não podemos deixar de reconhecer que há **certos indivíduos** constituídos de modo que não se ligam, tanto variam as suas vibrações, a outros aqui na Terra, de sorte que, **ao irem a uma sessão repelem toda tentativa que façam os de outro mundo, para se porem em contato com eles.** Não se suponha queira eu dizer que as condições sejam exatamente as mesmas para todos, porque não o são. Há pessoas delicadas e agradabilíssimas, que não conseguem resultado algum; o que quero dizer é que, com a nossa experiência terrena, relativa a diversas pessoas, melhor se compreenderá como podem alguns ser bons assistentes de sessões e outros não. **Os primeiros emitem vibrações que possibilitam as comunicações aos do outro mundo** que tentem comunicar-se. **As vibrações que os demais emitem tornam impossível que isso se dê. Eis**

por que consideramos eminentemente desejável se sentem juntos os que emitem vibrações que não se chocam entre si. A harmonia é o objetivo; tão necessária ela é, quanto um poderoso médium, razão por que procuramos sempre cultivá-la nas sessões de Sloan. ⁽⁵⁹⁾

Embora é dito que pessoas estranhas comprometem a harmonia das sessões, diz que em algumas foi permitido a presença delas para que fossem assistidas, porém, esse caso, não significa estejam “portas abertas” a qualquer um.

Se, porventura, nas reuniões de desobsessão os Espíritos, de alguma forma, se utilizam do ectoplasma a favor dos atendidos, teríamos aí mais um forte motivo para mantê-las de “portas fechadas”.

Em **O Finito e o Infinito** (1983), o jornalista Herculano Pires, esclarece-nos que:

[...] **Kardec jamais concordou com as sessões mediúnicas de portas abertas.** E nem permitia que uma pessoa assistisse a uma sessão sem antes haver tomado conhecimento da doutrina. [...] ⁽⁶⁰⁾

Pessoalmente, temos conhecimento de que em algumas casas espíritas as sessões mediúnicas têm as “portas abertas”, fato lamentável, pois demonstra que os seus dirigentes, por alguma razão, não se aprofundaram suficientemente no tema.

Herculano Pires foi certo, pois Allan Kardec, em “*Viagem Espírita 1862*”, foi bem claro: “**As sessões nunca deverão ser públicas**. Isto quer dizer que em nenhum caso as portas poderão estar abertas ao primeiro que apareça.” ⁽⁶¹⁾

Portanto, não resta dúvida alguma de que as reuniões mediúnicas devem ser privativas e não de caráter público. É o recomendável que se aconteça nas casas espíritas que optem em se alinhar com o pensamento kardequiano.

Mas à frente, em tópico apropriado, voltaremos a citar essa fala de Herculano Pires.

5.4. Quantos participantes deverá ter uma reunião mediúnica?

Essa é uma pergunta que naturalmente surge, em razão disso, vamos nos esforçar para encontrar a

sua resposta. O “participantes”, aqui significa todos os membros trabalhadores encarnados da reunião.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de dezembro, a certa altura do artigo “Senhor Adrien, médium vidente”, Allan Kardec disse que:

[...] em toda reunião, **há sempre uma assembleia oculta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas**, e pelas coisas pelas quais se ocupem. [...]. ⁽⁶²⁾

Portanto, além dos Espíritos elevados que assumem compromisso em coordenar e auxiliar-nos nas reuniões, aparecem outros atraídos pela simpatia com as pessoas que dela participam e também pelo interesse que nutrem com os objetivos do trabalho.

Quanto aos encarnados, vejamos, em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXIX – “Reuniões e sociedades espíritas”, o que Allan Kardec orienta a respeito:

332. **Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais de toda reunião séria, compreende-se facilmente que o número excessivo dos assistentes**

constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número e bem se concebe que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez pessoas distraídas e barulhentas. Mas também é evidente que, **quanto maior o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições.** Aliás, é fato comprovado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessoas, são sempre mais favoráveis às belas comunicações, pelos motivos que acabamos de expor. ⁽⁶³⁾

Observa-se que o Codificador não estabeleceu um número certo de participantes, deixou-o a critério do bom senso dos dirigentes das casas espíritas, alertando-os que se esse for excessivo pode, facilmente, prejudicar ou comprometer a homogeneidade do grupo.

Em nossas andanças, pelas Minas Gerais, temos visto girar entre 12 a 15 pessoas o número de membros do grupo mediúnico, o que, na maneira de pensar de alguns, iria ao encontro disto que o Codificador disse, acima registrado: “os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos” ⁽⁶⁴⁾.

Em relação aos tipos de mediunidade, julgamos ser desejável se ter: médium vidente, médium inspirado (esclarecedor), médiuns de psicofonia e os vibracionais.

A função do médium vidente é a de, quando necessário, auxiliar o esclarecedor descrevendo quadros ou situações que venham facilitar seus argumentos. Via de regra, o esclarecedor é um médium inspirado. É importante que se tenha mais de um, para que nos eventuais impedimentos o trabalho possa se desenrolar normalmente.

Vibracionais são aqueles que não têm uma mediunidade ostensiva, mas, por pensamentos elevados secundados pela prece, conseguem manter a atmosfera do ambiente compatível com o trabalho e, quando for o caso, doam o ectoplasma que, muitas vezes, é utilizado a favor do manifestante.

5.5. Qual seria o principal compromisso do partícipe da reunião?

Esse ponto, que objetivamos evidenciar, é tão importante que Allan Kardec o tratou no cap. XX - Influência moral do médium, da obra **O Livro dos**

Médiuns, do qual transcrevemos o item 227:

Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, **exerce, todavia, influência muito grande quanto ao aspecto moral.** Visto que o Espírito estranho precisa identificar-se com **o Espírito do médium para que se verifique a comunicação, esta identificação só ocorre plenamente quando há simpatia entre eles, ou afinidade, se assim nos podemos expressar.** A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança ou de diferença entre eles. **Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus,** de onde se conclui que **as qualidades morais do médium exercem influência muito importante sobre a natureza dos Espíritos que por eles se comunicam. Se o médium é vicioso, os Espíritos inferiores se agrupam em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos Espíritos bons que foram evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os Espíritos bons são:** a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. **Os defeitos que os afastam são:** o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria. ⁽⁶⁵⁾

Temos aí, portanto, uma orientação aos médiuns no sentido de envidarem todo o seu esforço

objetivando a sua própria evolução moral.

Do artigo “Estudo sobre os Possessos de Morzine, As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, publicado na *Revista Espírita 1862*, mês de dezembro, destacaremos os seguintes trechos do comentário de Allan Kardec:

Suponhamos agora duas pessoas perto uma da outra, envolvida cada uma de sua **atmosfera perispiritual**, – que se nos permita ainda esse neologismo. – Esses dois fluidos vão se pôr em contato, penetrar um no outro; se são de natureza antipática, se repelirão, e os dois indivíduos sentirão uma espécie de mal-estar com a aproximação um do outro, sem disso se darem conta; sendo ao contrário movidos por um sentimento bom e benevolente, levarão consigo um pensamento benevolente que atrai. Tal é a causa pela qual duas pessoas se compreendem e se adivinham sem se falarem. Um certo não sei o quê diz frequentemente que a pessoa que se tem diante de si deve estar animada de tal ou tal sentimento; ora, **esse não sei quê é a expansão do fluido perispiritual da pessoa em contato com o nosso**, espécie de fio elétrico condutor do pensamento. Compreende-se, desde então, que os Espíritos, cujo envoltório fluídico é bem mais livre do que no estado de encarnação, não têm mais necessidade de sons articulados para se entenderem.

O fluido perispiritual do encarnado, portanto, é posto em ação pelo Espírito; se, pela sua vontade, **o Espírito irradia, por assim dizer, seus raios sobre um outro indivíduo, esses raios o penetram**; daí a ação magnética mais ou menos possante segundo a vontade, **mais ou menos benfazeja segundo esses raios sejam de uma natureza mais ou menos boa**, mais ou menos vivificante; porque, pela sua ação, podem penetrar os órgãos, e, em certos casos, restabelecer o estado normal. Sabe-se qual é a influência das qualidades morais no magnetizador.

O que pode fazer o Espírito encarnado irradiando seu próprio fluido sobre um indivíduo, um Espírito desencarnado pode fazê-lo igualmente, uma vez que tem o mesmo fluido, quer dizer, que pode magnetizar, e, segundo seja bom ou mau, sua ação será benfazeja ou malfazeja.

Dá-se conta facilmente assim da natureza das impressões que se recebe segundo os meios onde se encontra. **Se uma assembleia é composta de pessoas animadas de maus sentimentos, elas encherão o ar ambiente do fluido impregnado de seus pensamentos; daí, para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal-estar físico causado pelas exalações mefíticas: a alma é *asfixiada***. As pessoas, ao contrário, se têm intenções puras, acham-se em sua atmosfera como num ar vivificante e salutar. O efeito será naturalmente o mesmo num meio cheio de Espíritos segundo sejam bons ou maus. ⁽⁶⁶⁾ (itálico do original)

Temos que nos esforçar ao máximo para que nossos pensamentos só possam dar origem a vibrações positivas, pois assim, contribuiremos para que, na reunião mediúnica, tenhamos uma “atmosfera espiritual” na qual o Espírito manifestante se sinta aconchegado.

Um pouco mais a frente, vamos encontrar algo interessante:

Certas pessoas preferem, sem dúvida, uma receita mais fácil para afastar os maus Espíritos: algumas palavras a dizer ou alguns sinais a fazer, por exemplo, o que **seria mais cômodo do que se corrigir de seus defeitos.** Com isso não estamos descontentes, mas **não conhecemos nenhum outro procedimento mais eficaz para vencer um inimigo do que ser mais forte do que ele.** Quando se está doente, é preciso se resignar a tomar um remédio, por amargo que ele seja; mas também, quando se teve a coragem de beber, como se sente bem, e quanto se é forte! É preciso, pois, se persuadir de que **não há, para alcançar esse objetivo, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem quaisquer sinais materiais.** Os maus Espíritos disso se riem e se alegram frequentemente em indicarem que sempre têm o cuidado de se dizer infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles que querem enganar, porque

então estes confiantes na virtude do procedimento, se entregam sem medo.

Antes de esperar domar os maus Espíritos, é preciso domar a si mesmo. De todos os meios de adquirir a força para a isso chegar, **o mais eficaz é a vontade secundada pela prece, a prece de coração se entende**, e não de palavras às quais a boca tem mais parte que o pensamento. **É preciso chamar seu anjo guardião e os bons Espíritos para nos assistirem na luta**; mas não basta lhes pedir para expulsarem os maus Espíritos, é preciso se lembrar desta máxima: “Ajuda-te, o céu te ajudará”, e **pedir-lhes sobretudo a força que nos falta para vencer os maus pendores que são para nós pior que os maus Espíritos, porque são esses pendores que os atraem, como a corrupção atrai as aves de rapina**. Pedindo também pelo Espírito obsessivo, é retribuir-lhe o bem para o mal, e se mostrar melhor que ele, e já é uma superioridade. Com a perseverança, acaba-se, o mais frequentemente, por levá-lo a melhores sentimentos, e de perseguidor dele fazer um devedor.

Em resumo, **a prece fervorosa e os esforços sérios para se melhorar, são os únicos meios de afastar os maus Espíritos** que reconhecem seus senhores naqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir; a cólera e a impaciência os excitam. É preciso deixá-los mostrando-se mais pacientes do que eles.

Mas ocorre, algumas vezes, que a subjugação chega ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, e que não se pode esperar dele nenhum

concurso sério. **É então, sobretudo, que a intervenção de terceiros torna-se necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética; mas o poder dessa intervenção depende também do ascendente moral que os intervenientes podem tomar sobre os Espíritos; porque, se não valem mais, sua ação é estéril. [...].**

É preciso dizer também que se culpa frequentemente os Espíritos estranhos de má ação das quais são muito inocentes; certos estados doentios e certas aberrações que se atribuem a uma causa oculta, às vezes deve-se simplesmente ao próprio indivíduo. As contrariedades, que o mais comumente concentram-se em si mesmo, os desgostos amorosos sobretudo, fizeram cometer muitos atos excêntricos que seriam erradamente levados à conta da obsessão. **Frequentemente somos nosso próprio obsessor.** Acrescentamos, enfim, que certas obsessões tenazes, sobretudo nas pessoas merecedoras, algumas vezes, fazem partes das provas às quais estão submetidas. “Ocorre mesmo algumas vezes que **a obsessão, quando é simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor,** como um pai à de um filho viciado.” ⁽⁶⁷⁾ (itálico do original)

Infelizmente, a grande maioria das pessoas pensa que seria bem mais fácil ter uma espécie de “fórmula mágica” para afastar os Espíritos inferiores do que se preocupar em reformar seu caráter,

tornando-se um verdadeiro seguidor de Jesus, a ponto de seu conselho de “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo.*” (Mateus 22,39) seja nosso modo de agir.

Ao final do artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, publicado na *Revista Espírita 1863*, mês de maio, São Luís aconselha-nos: “Sede, pois bons se quiserdes não ter senão bons Espíritos ao vosso redor.” (68)

Do artigo “Atmosfera espiritual” publicado na ***Revista Espírita 1867***, mês de maio, destacamos estes três parágrafos:

Sabe-se que **os fluidos emanado dos Espíritos são mais ou menos salutare segundo o grau de sua depuração**; conhece-se o seu poder curativo em certos casos, e também seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, uma vez que o ar pode estar saturado desses fluidos, não é evidente que, segundo a natureza dos Espíritos que proliferam em um lugar determinado, o ar ambiente se acha carregado de elementos salutare ou malsãos, que devem exercer uma influência sobre a saúde física tão bem quando sobre a saúde moral? [...] **Cada**

indivíduo, em razão do grau de sua sensibilidade, sofre a influência dessa atmosfera viciada ou vivificante. Por este fato, que parece fora de dúvida, e que confirmam, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, encontramos nas relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo, um novo princípio de higiene que a ciência, sem dúvida um dia fará entrar em linha de conta. Podemos, pois, subtrair-nos a essas influências emanando de uma fonte inacessível aos meios materiais?

Sem nenhuma dúvida; porque do mesmo modo que saneamos os lugares insalubres destruindo-lhes a fonte dos miasmas pestilentos, **podemos sanear a atmosfera moral que nos cerca**, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que não podemos escapar às exalações pantanosas, porque **isto depende unicamente de nossa vontade**, e ali não estará um dos menores benefícios do Espiritismo quando for universalmente compreendido e sobretudo praticado.

Um princípio perfeitamente averiguado por todo Espírita, é que **as qualidades do fluido perispiritual estão em razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado**; quanto mais seus sentimentos são elevados e livres das influências da matéria, mais seu fluido é depurado. Segundo os pensamentos que dominam num encarnado, ele irradia raios impregnados desses mesmos pensamentos que os viciam ou os saneiam, fluidos

realmente materiais, embora impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis para os sentidos perispirituais, e visíveis para os olhos da alma, uma vez que impressionam fisicamente e tomam aparências muito diferentes para aqueles que estão dotados da visão espiritual.

Unicamente pelo fato da presença dos encarnados numa assembleia, os fluidos ambientes serão, pois, salubres ou insalubres, segundo os pensamentos dominantes sejam bons ou maus. Quem traz consigo **pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, em uma palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha ao seu redor eflúvios fluídicos malsãos, que reagem sobre aqueles que o cercam.** Numa assembleia, ao contrário, onde todos não trouxessem senão **sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar estará impregnado de emanções saudáveis** no meio das quais sente-se viver mais comodamente.

Se se considera agora que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos similares, compreende-se que cada indivíduo conduz consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que assim o ar está saturado de fluidos em relação com os pensamentos predominantes. Se os maus pensamentos estão

em minoria, eles não impedirão as boas influências de se produzirem, mas as paralisam. Se eles dominam, enfraquecem a irradiação fluídica dos bons Espíritos, ou mesmo por vezes, impedem os bons fluidos de penetrar nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios do sol. ⁽⁶⁹⁾

Os Espíritos superiores não deixaram dúvida de que “O semelhante atrai semelhante.” ⁽⁷⁰⁾ Ora, isso nos coloca novamente diante da necessidade de trabalharmos para ter uma razoável elevação moral, de modo que os nossos “companheiros espirituais” sejam só de bons Espíritos, que, certamente, produzirão efeitos positivos numa reunião mediúcnica.

Allan Kardec, em *A Gênese*, também evidenciou de forma bem clara que os nossos pensamentos podem corromper os fluidos do ambiente que nos encontramos: “[...] Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.” ⁽⁷¹⁾

Ainda em ***A Gênese***, no cap. XIV – Os fluidos, tópico “Qualidade dos Fluidos”, item 19, lemos:

Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. **Uma assembleia é um**

foco de irradiação de pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. **Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos** cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas **do mesmo modo que há irradiações sonoras, harmônicas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes.** Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se **for discordante, a impressão será penosa.** Ora, para isso não é necessário que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.

Tal é a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos, na qual reina uma saudável atmosfera moral e se respira à vontade; sai-se reconfortado dali, porque impregnado de salutares eflúvios fluídicos. Basta, porém, que se misturem aí alguns pensamentos malévolos, para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido ou o de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade, **o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática,** na qual pensamentos malévolos provocam correntes de fluido repugnante. ⁽⁷²⁾

Em um ambiente onde predominam os fluidos

de pensamentos elevados, esses acabam por repercutir positivamente no Espírito manifestante, fazendo-o “sentir-se bem” na reunião.

A busca incessante de melhoria moral deve ser o foco principal dos participantes da reunião, pois somente pela ascendência moral é que conseguirão “afastar” os Espíritos obsessores. É exatamente ela que lhes dará condições de os esclarecer com amor, aliando, certamente, às preces em que esse sentimento fique perceptível aos quais se dirige os argumentos.

5.6. Seria útil definir: dia, horário e local certos?

Na **Revista Espírita 1867**, mês de junho, Allan Kardec publica o artigo “*Nova sociedade espírita de Bordeaux*”, em que transcreve algumas passagens do relatório anual da Sociedade Espírita de Bordeaux. Extraímos, por oportuno, o seguinte trecho:

“Desde que nos constituímos temos **duas sessões por semana**. Esse duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar **uma**

sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam, e reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos. [...].

“Aliás, há em Bordeaux muitos casos de obsessão, e **uma sessão por semana, especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores, está longe de ser suficiente**, pois o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, por vezes, por alguns de nossos irmãos, **vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores** e chegar mais facilmente ao resultado. ⁽⁷³⁾

Sobre a Sociedade de Bordeaux, foi dito:

Não podemos senão aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e cumprimentá-la por seu devotamento e pela inteligente direção de seus trabalhos. [...] **A maneira pela qual procede para o tratamento das obsessões é, ao mesmo tempo, notável e instrutiva**, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é de que dá resultado. [...]. ⁽⁷⁴⁾

Ou seja, o Codificador sanciona o procedimento realizado pelos membros da Sociedade de Bordeaux para o tratamento das obsessões.

Acreditamos ser algo bem curioso isto que foi dito a respeito de um grupo de médiuns que “vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores e chegar mais facilmente ao resultado.” Talvez aqui possamos encontrar fundamento para convidar os pacientes a irem à casa espírita nos dias das reuniões de desobsessão, a fim de facilitarem o processo de “sintonia” e não para estarem presentes na sala dedicada à reunião, onde ocorrerá as manifestações, é preciso esclarecer.

Quanto ao horário, transcrevemos de **O Livro dos Médiuns**, os seguintes trechos destes três capítulos:

a) Cap. XVII - *“Formação dos médiuns”*:

217. [...] Como os Espíritos não estão constantemente às suas ordens, os médiuns correm o risco de ser enganados por mistificadores. **É bom que adotem, para evitar esse mal, o sistema de só trabalhar em dias e horas determinados**, porque assim se entregarão ao trabalho em condições de maior recolhimento; além disso, **os Espíritos que os queiram auxiliar, estando prevenidos do horário das reuniões, se disporão melhor a prestar esse auxílio.** ⁽⁷⁵⁾

b) Cap. XXV – “Evocações”, item 282:

16. *São preferíveis as evocações em dias e horas determinados?*

“Sim, e se for possível, no mesmo lugar, pois os Espíritos aí comparecem com mais satisfação. O desejo constante que tendes é que auxilia os Espíritos a se porem em comunicação convosco. **Eles têm ocupações, que não podem deixar de repente para a vossa satisfação pessoal.** Quando digo no mesmo lugar, não julgueis que isso deva constituir uma obrigação absoluta, já que os Espíritos vão a toda parte. Quero dizer que **é preferível um lugar consagrado às reuniões, porque o recolhimento se faz mais perfeito.**” ⁽⁷⁶⁾
(itálico do original)

19. *Haverá dias e horas mais propícios para as evocações?*

“Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria superstição acreditar-se na influência dos dias e das horas. **Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais; aqueles em que se ache mais calmo de corpo e de espírito.**” ⁽⁷⁷⁾ (itálico do original)

c) Cap. XXIX – “Reuniões e sociedades espíritas”:

333. **Existe ainda outro ponto não menos importante: o da regularidade das reuniões.** Em todas elas sempre estão presentes Espíritos a quem poderíamos chamar *frequentadores habituais*, que não devem ser confundidos com os que se encontram em toda parte e em tudo se intrometem. Estamos nos referindo aos **Espíritos protetores, ou aos que são interrogados com mais frequência.** Não se pense que esses Espíritos nada mais tenham a fazer, senão ouvir o que lhes queiramos dizer ou perguntar. **Eles têm suas ocupações** e, além disso, podem achar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se realizam em dias e horas certos, eles se preparam antecipadamente e é raro faltarem. **Alguns chegam a levar a pontualidade ao excesso.** Ofendem-se com o atraso de um quarto de hora e, se eles mesmos marcarem o horário da reunião, será inútil chamá-los antes desse momento. ⁽⁷⁸⁾ (itálico do original)

Então a recomendação é escolher dia e horário certos para se realizar as reuniões de desobsessão. Nos casos em que o espaço físico da casa permitir, seria bom se ter um local específico para a realização delas.

Como? Espíritos protetores “que são interrogados com mais frequência”? Ao que nos parece, na atualidade, em boa parte das casas

espíritas não mais se evocam tais Espíritos, dando a entender que os encarnados são tão “sábios” que não precisam da orientação deles.

Por já ter a oportunidade de participar de reuniões mediúnicas, facilmente percebemos que muitos dos coordenadores das reuniões de desobsessão têm uma preocupação excessiva em relação aos horários de início e término, em um rigor que ultrapassa o mínimo de bom senso, quase igual ao que se aplica aos militares nos quartéis.

Não raras vezes, vimos um Espírito manifestante ser “despachado”, em nome de Jesus, é claro, com o argumento de estar “em cima da hora” do encerramento. Só faltou lhe dar instrução para voltar “na próxima reunião” para continuar o diálogo.

Hoje, com base em nossos estudos ao longo de um bom tempo, podemos dizer que isso significa pura falta de conhecimento, porquanto, em **O Livro dos Médiuns**, item 333 do cap. XXIV – Reuniões e Sociedades Espíritas, o Mestre de Lyon fala exatamente sobre esse ponto:

Acrescentemos, todavia, que embora os Espíritos prefiram a regularidade, **os de ordem verdadeiramente superior não se mostram tão meticolosos a esse ponto. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade** como tudo o que seja pueril. É claro que eles podem comparecer mesmo fora das horas consagradas à reunião, apresentando-se de boa vontade se o fim que tenha em vista for útil. [...].
(⁷⁹)

Portanto, diante de tão objetiva explicação, jamais deveríamos procurar “ser mais realistas que o rei”.

No cap. VII – *Disciplina fraterna*, de **O Centro Espírita**, o jornalista Herculano Pires tece as seguintes considerações:

O problema da disciplina no Centro Espírita é dos mais melindrosos e deve ser encarado entre as coordenadas da ordem e da tolerância. **Não se pode estabelecer e manter no Centro uma disciplina rígida, de tipo militar.** O Centro é além de tudo o que já vimos, um instrumento coordenador das atividades espirituais. No esquema das suas sessões teóricas e práticas **a questão do horário é imperiosa, mas não deve sobrepor-se às exigências do amor fraterno.** Não é justo deixarmos fora da sessão

companheiros dedicados ou necessitados, porque chegaram dois ou três minutos atrasados. Vivemos num mundo material e não espiritual, em que **as pessoas lutam com dificuldades várias no tocante à locomoção, de compromissos diversos, e é justo que se dê uma pequena margem de tolerância no horário.** Essa margem não deve também ser estabelecida com rigor, mas deixada ao critério do dirigente dos trabalhos, que saberá dosar as coisas de acordo com as conveniências. **O rigor exagerado na questão de horário, mormente nas cidades mais populosas, causa aborrecimentos e mágoas a pessoas sensíveis** que, depois de aflição e correria para chegar na hora certa, **viram-se impedidas de participar da reunião por alguns segundos ou minutos.** Temperando-se as exigências da ordem cronológica com dever da atenção aos companheiros podemos evitar aborrecimentos perfeitamente superáveis. Claro que esse é um problema a ser sempre esclarecido nas reuniões, para que **todos possam ter conhecimento da flexibilidade possível no horário. O simples fato de haver essa flexibilidade, já tira à disciplina o seu aspecto opressivo.**

Essa mesma dosagem de ordem e tolerância deve ser aplicada a outros problemas, de maneira a assegurar-se, o mais possível, um ambiente geral sem prevenções, que muito ajudará na realização dos trabalhos. ⁽⁸⁰⁾

As ponderações de Herculano Pires são

oportunas e, a nosso sentir, merecem uma atenção especial da parte de todos aqueles que participam das reuniões mediúnicas, incluindo aí os que as coordenam.

Na **Revista Espírita 1867**, mês de junho, no artigo “Nova sociedade espírita de Bordeaux”, lemos:

Um grupo da província, que se pode alinhar entre os mais sérios e melhor dirigidos, **introduziu este uso em suas reuniões** que, igualmente, ocorrem duas vezes por semana. Ele é exclusivamente composto dos oficiais de um regimento. Mas lá não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação, que lhes é imposta pelo regulamento de falar cada um a seu turno. **Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve se preparar para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da doutrina.** Disso resulta para eles uma aptidão maior para fazer a propagação e defender a causa, em caso de necessidade. ⁽⁸¹⁾

Embora, nada tem a ver diretamente com nosso tema, julgamos interessante a designação do orador, indicando-lhe o ponto a ser desenvolvido na reunião seguinte, o que em muito se assemelha ao

que, atualmente, se faz na maioria das casas espíritas em suas reuniões públicas e, algumas vezes, nas particulares de estudo doutrinário e até mesmo em reuniões de desobsessão.

Em “*Obras Póstumas*”, tomamos conhecimento de que Allan Kardec elaborou o “*Projeto 1868*”, que contém várias orientações a serem implementadas na Sociedade Espírita de Paris.

Julgamos não ser algo fora de propósito que se aplique também nas casas espíritas, a recomendação do 3º item do tópico “Estabelecimento Central” de, quando possível, se reservar “um compartimento destinado às evocações íntimas, espécie de santuário, que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha” (82), por ter uma relação direta com esses tipos de reuniões.

5.7. Afinal, pode-se ou não evocar os mortos?

Conversando com o amigo Ari Campos Vilela, da cidade de Santo Antônio do Amparo (MG), sobre essas reuniões, ele nos lembrou da importância dessa questão, em razão disso resolvemos abordá-la

em capítulo à parte, porquanto, o que havíamos falado ficou um tanto quanto “perdido” no meio do conjunto dessa pesquisa.

Na questão 15 do item 100 do Cap. VI - Manifestações visuais de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec fica claro que o pensamento é “uma espécie de evocação” capaz de “atrair a presença do Espírito em que se pensa” (83).

Mas, é importante esclarecer que as evocações que aqui trataremos são somente aquelas relacionadas com os casos específicos de obsessão.

Sabemos ser essa uma questão muito delicada no movimento espírita, pois há confrades que ao invés das orientações emanadas do Codificador preferem seguir as ditadas por Emmanuel e André Luiz:

a) **Emmanuel:** “Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.” (84);

Entendemos que esse “em caso algum” é algo próximo ao radicalismo que não nos convém. Veja, caro leitor, como Emmanuel fez referência ao

Codificador:

Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada à necessidade de méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns. ⁽⁸⁵⁾

Segundo entendemos Emmanuel, na lata, diz que a evocação direta se justificou no período em que Allan Kardec desenvolvia a Codificação, hoje não mais. Temos dois pontos para contra-argumentá-lo:

1º) O próprio Allan Kardec disse que “em nenhuma parte o **ensino espírita foi dado de maneira completa**”, pois “a revelação é feita parcialmente” ⁽⁸⁶⁾ e “desta maneira que ela prosseguira ainda neste momento, porque **tudo não está revelado**” ⁽⁸⁷⁾, acrescentamos como conclusão “Com a ajuda do que já descobriu, ele **abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações** numa ordem especial de ideias” ⁽⁸⁸⁾. Assim, fica claro a possibilidade do desenvolvimento de pontos que não foram abordados com

profundidade, já que “o seu ensino é graduado” (89).

2º) Por não excluir a recomendação de se evocar os Espíritos obsessores; assim o que ele disse “bate de frente” com que o Codificador falou sobre esses casos.

b) **André Luiz**: “Abolir a prática da invocação nominal dessa ou daquela entidade, em razão dos inconvenientes e da desnecessidade de tal procedimento em nossos dias”. (90)

Embora Emmanuel e André Luiz mereçam todo o nosso respeito, se quem os seguem, refletissem com acuidade mudariam de atitude diante do que o próprio médium disse a respeito de seu mentor. Recorreremos à obra **No Mundo de Chico Xavier**, para ver a seguinte resposta que Chico Xavier deu ao professor Dr. Elias Barbosa (1934-2011) que lhe perguntara: “Emmanuel já vez para você alguma referência especial sobre Allan Kardec?”:

Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e disse mais que, **se**

um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.
(⁹¹)

Em nossa opinião, nesse ponto em particular Emmanuel está certíssimo, devemos mesmo seguir Allan Kardec, até que seja sobejamente comprovado que algo que ele disse, diante de novas informações, não se aplica mais.

Em ***O Livro dos Médiuns***, Parte Segunda, no Cap. XXV – Das evocações, itens 269 a 272, há diversas e importantes recomendações para quem leva a sério a questão das evocações. Destacaremos as seguintes:

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso apelo, isto é, comparecer por meio de evocação. Pensam algumas pessoas que não devemos evocar nenhum Espírito, sendo preferível que se espere por aquele que queira comunicar-se. Segundo alegam, quando chamamos determinado Espírito não podemos ter certeza de que seja ele mesmo quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, por iniciativa própria, comprova melhor a sua identidade, porquanto,

assim agindo, manifesta o desejo que tem de conversar conosco.

Em nossa opinião, isso é um erro. Primeiramente, porque estamos rodeados de Espíritos, quase sempre de condição inferior, que não desejam outra coisa senão comunicar-se. Em segundo lugar, e ainda por essa mesma razão, **não chamar nenhum deles em particular é abrir as portas a todos os que queiram entrar.** Numa assembleia, não dar a palavra a pessoa alguma é deixá-la livre a qualquer um, e sabe-se o que daí pode resultar. **A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós;** chamando-o pelo nosso desejo, impomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. **Sem um apelo direto, muitas vezes um Espírito não terá motivo algum para vir confabular conosco,** a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto. As comunicações espontâneas não apresentam qualquer inconveniente, desde que se tenha domínio sobre os Espíritos e não se permita que os maus tomem a dianteira. Então, **é quase sempre vantajoso aguardar a boa vontade dos que se disponham a comunicar-se,** pois o pensamento deles não sofre nenhum constrangimento e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis. Entretanto, pode acontecer que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso, que temos aconselhado é,

aliás, uma garantia contra as comunicações más. **Nas reuniões regulares**, principalmente naquelas em que se faz um trabalho continuado, **há sempre Espíritos habituais**, que ali comparecem sem que sejam chamados, por estarem prevenidos em virtude da própria regularidade das sessões. **Tomam, então, frequentemente a palavra, de modo espontâneo, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer**, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares. ⁽⁹²⁾

Aqui se tem uma visão geral sobre as evocações, em que se percebe claramente que o Codificador inicia esclarecendo que os Espíritos podem, indistintamente, manifestarem-se de modo espontâneo ou comparecerem por meio da evocação. Acrescentando, entretanto, que “Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto”.

270. Quando desejamos entrar em comunicação com determinado Espírito, é de absoluta necessidade que o evoquemos (item

203). Se ele pode vir, a resposta é geralmente *sim*, ou: Estou aqui, ou ainda: *Que quereis de mim?* Às vezes, entra diretamente no assunto, respondendo com antecedência às perguntas que lhe queiramos fazer. ⁽⁹³⁾ (itálico do original)

Se queremos entrar em contato com um Espírito em particular, como geralmente acontece nos casos de obsessão, devemos evocá-lo sem nenhum problema.

Aliás, acreditamos que nas reuniões de desobsessão muitas vezes será até mesmo necessário evocar diretamente o(s) Espírito(s) envolvido(s) na trama, objetivando libertá-lo(s) de sua fixação mental e com isso proporcionar paz à sua “vítima”.

No início do item 271, Allan Kardec disse algo interessante:

Muitas vezes é surpreendente a rapidez com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. **É como se já estivesse prevenido de que seria evocado** e, de fato, é isso mesmo que acontece, quando aquele que o evoca já tinha previamente a intenção de fazê-lo. [...]. ⁽⁹⁴⁾

Diante dessa informação, perguntamos: qual o problema que poderia surgir quando evocamos algum Espírito?

Continuando, em **O Livro dos Médiuns**, Parte Segunda, cap. XXV - Das evocações, tópico “Espíritos que se podem evocar”, entre outras coisas, o Codificador disse o seguinte:

278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar Espíritos maus. Isto depende do fim que se tenha em vista e da ascendência que se possa exercer sobre eles. **Não há inconveniente quando são chamados com um fim sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los.** Ao contrário, **o inconveniente é muito grande quando se faz a evocação por simples curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. [...].**
(⁹⁵)

Ora, nas reuniões de desobsessão há um fim sério, que é o de ajudar aos dois envolvidos - vítima e algoz -, portanto, não vemos motivo algum para não se evocar o(s) desencarnado(s) relacionado(s) com o drama.

No início do item subsequente (279), vemos este importante alerta do Codificador, que jamais deveríamos desprezar: “Ninguém exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores, a não ser pela *superioridade moral*.” ⁽⁹⁶⁾ (itálico do original)

Em **A Gênese**, no capítulo XIV – *Os Fluidos*, tópico “Obsessões e possessões”, item 46, Allan Kardec esclarece-nos:

46. Assim como as moléstias resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, **a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau**. A uma causa física opõe-se uma força física; **a uma causa moral é preciso que se contraponha uma força moral**. Para preservar o corpo das enfermidades, é preciso fortificá-lo; para garantir a alma contra a obsessão, tem-se que fortalecê-la. **Daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria**, o que na maioria das vezes é suficiente para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. **Este socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque neste caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio**.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e sua origem

frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repele. É daquele fluido que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, ***há que se expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.***

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, ***atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso que se tenha o direito de falar com autoridade***, que, entretanto, não a possui quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas ainda não é tudo: ***para assegurar a libertação, é preciso que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios***; que nele desponte o arrependimento, assim como o desejo do bem, ***por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral.*** Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. ⁽⁹⁷⁾ (itálico do original)

Entendemos que Allan Kardec ao dizer “evocações particularmente feitas com vistas à sua

educação moral” nos remete à ideia de que um Espírito perverso, que atenda à evocação, somente pode ser convencido a renunciar a seu projeto de vingança, contra aquele que exerce sua ação nefasta, pelo incentivo que lhe damos para focar na sua elevação moral. Portanto, não podemos protestar ignorância dessa missão que, como espíritas, cabe-nos fazer, conforme já o dissemos.

Se ao atuarmos sobre um ser inteligente “é preciso que se tenha o direito de falar com autoridade”, fica nítido que essa é a forma adequada para não nos aventurarmos a dialogar com os obsessores sem possuir “autoridade”. Além disso, nos remete à necessidade de sua evocação direta, para que ele tenha a oportunidade de expressar seus sentimentos e aí podermos agir a seu favor.

Diante dessas orientações de Allan Kardec, entendemos que ele, além de referendar as reuniões mediúnicas específicas para a orientação ou esclarecimento de Espíritos, abre espaço para evocá-los, como um procedimento absolutamente natural.

Ainda em **A Gênese**, um pouco mais à frente,

no cap. XV – “Os milagres do Evangelho”, tópico “Possessos”, no item 33, Allan Kardec, ao tratar dos possessos, argumenta:

[...] Porém, existem outros casos em que não há dúvidas quanto à ação dos maus espíritos; eles têm uma analogia tão marcante **com aqueles de que somos testemunhas**, que neles se reconhecem todos os sintomas desse gênero de afecções. Em tal caso, a prova da participação de uma inteligência oculta ressalta de um fato material: são **as inúmeras curas radicais obtidas em alguns centros espíritas, apenas com a evocação e a moralização dos espíritos obsessores, sem magnetização nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e à grande distância dele.** [...]. ⁽⁹⁸⁾

Comprova-se, portanto, que, nos primórdios do Espiritismo, as reuniões de desobsessão faziam parte das práticas mediúnicas dos centros espíritas daquela época e que a evocação dos Espíritos era procedimento comum.

Há mais um outro momento em que o Codificador, recomenda a evocação do Espírito obsessor, a fim de instruí-lo e com essa postura, o encarnado se libertaria de sua influência. Vejamos

isso na **Revista Espírita 1866**, mês de fevereiro, no artigo “Cura das obsessões”:

O Espiritismo nos mostra **na obsessão** uma das causas perturbadoras do organismo, e nos dá, ao mesmo tempo, os meios de remediá-la: **aí está um de seus benefícios**. Mas como essa causa pode ser reconhecida se não for pelas evocações? **As evocações, são, pois, boas para alguma coisa, o que quer que digam delas seus detratores.**

[...].

[...] O conhecimento que temos agora do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram sobre a Terra, uns bons, os outros maus. Entre estes últimos, **há os que se comprazem ainda no mal, em consequência de sua inferioridade moral e que não se despojaram ainda de seus instintos perversos**; estão em nosso meio como quando vivos, com a única diferença de que em lugar de terem um corpo material visível, têm um corpo fluídico invisível; mas não são, por isto, menos os mesmos homens, no sentido moral pouco desenvolvido, **procurando sempre as ocasiões de fazer o mal, se obstinando sobre aqueles que lhes dão presa e que acabam submetendo-se à sua influência; obsessores encarnados que eram, são obsessores desencarnados**, tanto mais perigosos porque agem sem serem vistos. **Afastá-los pela força não é coisa fácil**, tendo em vista que não se pode prendê-los pelo corpo; **o único meio de dominá-los é o ascendente moral com**

a ajuda do qual, pelo raciocínio e os sábios conselhos, chega-se a torná-los melhores, por isto são mais acessíveis no estado de Espírito do que no estado corpóreo. Desde o instante em que são conduzidos a renunciarem voluntariamente a atormentar, o mal desaparece, se esse mal é o fato de uma obsessão; ora, compreende-se que não são nem as duchas ⁽⁹⁹⁾, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessivo. **Eis todo o segredo dessas curas**, para as quais não há nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas; **conversa-se com o Espírito desencarnado, se o moraliza, educa-o, como teria sido feito quando de sua vida.** ⁽¹⁰⁰⁾

Negar que o Mestre de Lyon não recomendara as evocações para os casos de obsessão é demonstrar que não se aprofundou no tema. Quem diz isso, prova que apenas se baseia em “achismo”, não há como ser de outra forma.

Ademais, na elaboração da Codificação Espírita o que Allan Kardec mais fez nas reuniões da Sociedade Espírita de Paris foi a evocação de Espíritos, pois era consciente de que somente dialogando com eles é que poderia conhecer as particularidades do mundo espiritual, dos

pormenores a respeito da mediunidade e dos vários outros princípios doutrinários.

Em **O Livro dos Médiuns**, encontraremos menção a algumas evocações relacionadas a Espíritos obsessores e perturbadores:

a) 2ª Parte, no cap. V – Manifestações físicas espontâneas, tópico “Arremesso de objetos”, vamos encontrar o registro da evocação e o diálogo com Jeannet, um Espírito **perturbador** da Rua des Noyers ⁽¹⁰¹⁾.

b) 2ª Parte, no cap. XXIII – Obsessão, item 250, lemos:

Um deles exercia, sobre pessoa do nosso conhecimento, uma fascinação extraordinária. Evocamo-lo e, depois de algumas bravatas, vendo que não conseguia enganar-nos quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era quem se dizia. ⁽¹⁰²⁾

c) 2ª Parte, cap. XXIII – Obsessão, item 252, temos:

[...] Sobre a causa não havia dúvida; quanto ao

remédio, era mais difícil. **O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente malfazejo. Ao ser evocado,** mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. [...].⁽¹⁰³⁾

Nos fascículos da *Revista Espírita* vamos encontrar vários relatos de evocação de Espíritos obsessores, dos quais destacamos este que se lê na ***Revista Espírita 1864***, mês de fevereiro, no artigo “Cura de uma obsessão”, no qual Allan Kardec registra uma correspondência do Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, cuja mentora espiritual era a Pequena Cárita. Vejamos o seguinte trecho do parágrafo que a inicia:

“[...] **Seguindo o conselho de nossos guias espirituais**, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, começaram **nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo**, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma magnetização mental. [...]”⁽¹⁰⁴⁾

Merece destaque o objetivo da reunião: “evocar o Espírito, moralizá-lo” como fruto de

orientação espiritual e ainda assim nos aparecem confrades totalmente contrários à evocação.

Em 11 de março de 2023, foi publicado no portal **Projeto Allan Kardec** ⁽¹⁰⁵⁾ a mensagem intitulada “Solidariedade entre os Espíritos e os homens”, com subtítulo “Educação dos Espíritos”, ditada em 09.07.1861, pelo Espírito Mardochée, documento faz parte do acervo do *Museu AKOL*, administrado pelo confrade Adair Ribeiro.

Como o seu teor tem tudo a ver com o nosso tema, resolvemos transcrevê-lo:

[Dados do documento] Bordeaux, Médiun:
senhor Rubio, Enviado pelo senhor Sabò, 9 de
julho de 1861

Solidariedade entre os Espíritos e os homens

Educação dos Espíritos

Quando atormentado por um Espírito sofredor, você deve evocá-lo com frequência, orar por ele e procurar moralizá-lo. Deve inspirá-lo com sentimentos de caridade pelos quais você se sinta animado. **Deve tentar esclarecer o espírito dele e elevá-lo acima das ideias vulgares** das quais ele ainda está imbuído. Deve inspirá-lo com ideias bondosas. **Deve educá-lo, instruí-lo**, dar-lhe uma parte dos conhecimentos

adquiridos em sua atual encarnação, bem como nas passadas. **É o dever de um bom irmão! Deus quer que cada Espírito dotado de alguma inteligência busque espalhá-la entre seus irmãos menos favorecidos.** Agir de outra forma é característico dos egoístas, e Deus não os estima. **Portanto, faça bom uso do bem que a bondade de Deus lhe confiou em benefício dos seres menos felizes.** Se você for rico, espalhe os seus benefícios ao seu redor, em favor dos infelizes, que são, infelizmente, os mais numerosos. Se você for inteligente e bom, espalhe a inteligência e a bondade. O uso que fizer das prodigalidades ser-lhe-á uma fonte de felicidade ou uma fonte de sofrimento. Reflita e empenhe-se para colocar em prática esta instrução.

Mardochee, guia do médium (106)

Observa-se que os Espíritos superiores nos incentivam a evocação daqueles que sofrem ou estão presos às ideias terrenas, visando instruí-los acerca da sua nova realidade e, acima de tudo, das leis divinas que regem o destino de todos nós.

5.8. Deve-se indicar o médium para sintonizar com o Espírito que vai se manifestar?

No item 275 de ***O Livro dos Médiuns***, cap. XXV – Evocações, tópico “Espíritos que se podem

evocar”, Allan Kardec apresenta “as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas”, que transcrevemos.

As causas estranhas residem principalmente **na natureza do médium, no caráter da pessoa que evoca, no meio em que se faz a evocação** e, finalmente, no objetivo que se tem em vista. **Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares**, que podem ser mais ou menos elevados; **outros se mostram aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, dependendo isto da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito evocado**, o qual pode tomá-lo por intérprete, com prazer ou com repugnância. Isto também depende, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúnica. **Os Espíritos se apresentam com maior boa vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material**. Aliás, em igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espiritual. ⁽¹⁰⁷⁾

Destaque para o fato de que determinados

médiuns podem causar repulsão aos Espíritos, portanto, entre eles e o médium não haveria afinidades fluídicas, mas, sim, antagônicas.

De ***Obras Póstumas***, cap. Manifestações dos Espíritos, tópico “Dos Médiuns”, destacamos o seguinte item:

35. As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos. **Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias**, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior.
(¹⁰⁸)

Ora, se nas manifestações há necessidade de haver afinidade fluídica entre o Espírito manifestante e o encarnado que lhe servirá de instrumento, não faz sentido o coordenador da reunião mediúnica designar um dos médiuns presentes para dar

passividade ao Espírito que se comunicará.

Do artigo “Um antigo charreteiro”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro, ressaltamos da nota do Codificador, o seguinte trecho do último parágrafo:

Vimos médiuns, ciumentos a justo título de conservar suas boas relações de além-túmulo, **repugnar-se em servirem de intérpretes aos Espíritos inferiores** que se podem chamar; é de sua parte uma suscetibilidade mal entendida. Do fato de que se evoque um Espírito vulgar, mesmo mau, não se está sob a sua dependência; longe disso, sois vós, ao contrário, quem o dominais: não é ele que vem se impor apesar de vós, como nas obsessões, vós que vos impondes a ele; ele não comanda, obedece; sois seu juiz e não sua presa. Além do mais, **podeis ser-lhe útil pelos vossos conselhos e vossas preces**, e vos é reconhecido pelo interesse que tomais por ele. **Estender-lhe uma mão segura, é fazer uma boa ação; repelindo, é faltar com a caridade; é mais ainda, é do egoísmo e do orgulho.** Estes seres inferiores **são, aliás, para nós um poderoso ensinamento; foi por eles que aprendemos a conhecer a classe baixa da população do mundo Espírita** e a sorte que espera aqueles que fazem, neste mundo, um mau uso de sua vida. [...]. ⁽¹⁰⁹⁾

O primeiro ponto que trazemos a esse tópico é mostrar que o médium não deve recusar a sintonia com Espíritos inferiores, ainda que eles sejam extremamente maus. O segundo, é que, a qualquer Espírito que se apresente, jamais podemos deixar de “ser-lhe útil pelos nossos conselhos e nossas preces”, sempre, e em qualquer circunstância, devemos “estender-lhe uma mão segura”.

Em “Boletim” da *Revista Espírita 1860*, mês de agosto, temos o registro da sessão particular realizada no dia 06.06, do qual destacamos:

Estudos. 1º Evocação de François Arago, pela Senhorita H... **São Luís** responde que **esse médium não é aquele que convém a esse Espírito; convida para tomar um outro.**

Diversas perguntas são dirigidas, a esse respeito, sobre a aptidão especial dos médiuns para receberem comunicações de tal ou tal Espírito. A resposta foi esta: **“Um Espírito vem, de preferência, a uma pessoa cujas ideias simpatizem com as que teve quando vivo; há relação de pensamentos entre o céu e a Terra, mais ainda do que as há sobre a Terra”.** ⁽¹¹⁰⁾

Então, na prática, são os próprios Espíritos que

“escolhem” o médium, obviamente, levando em conta a afinidade e sintonia para com ele. Portanto, jamais o coordenador da reunião deve indicar o médium para “receber” determinado Espírito.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, o artigo “O doutor Vignal”, inserido em “Conversas de além-túmulo,” é iniciado desta forma:

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, dos interessantes estudos sobre o Espírito das pessoas vivas publicados na *Revista* de janeiro e março de 1860, e aos quais foram submetidos o Sr. conde de R... e o **Sr. doutor Vignal**. Este último distante há vários anos, morreu em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, perguntamos a um sonâmbulo muito lúcido e que vê muito bem os Espíritos, se o via. “Eu vejo, disse ele, um cadáver no qual se opera um trabalho extraordinário; [...]. Não distingo a forma do Espírito bem determinada.”

No dia 31 de março ele foi evocado na Sociedade de Paris. O mesmo **sonâmbulo** assistia adormecido à sessão durante a evocação. **Ele o viu e o descreveu perfeitamente enquanto se comunicava ao médium de sua escolha.**

Dizemos de sua escolha, porque a experiência demonstra o inconveniente de impor um médium ao Espírito que pode não encontrar nele as condições necessárias para se comunicar livremente. Quando se faz a

evocação de um Espírito pela primeira vez, **convém que todos os médiuns presentes se coloquem à sua disposição**, e esperem que se manifeste por um deles. Nesta sessão havia onze médiuns. ⁽¹¹¹⁾

A orientação do Codificador é que todos os médiuns presentes na reunião se coloquem à disposição, pois, cabe ao Espírito interessado em se manifestar a escolha de um dentre eles.

Em “Ditados espontâneos e dissertações espíritas”, constante da **Revista Espírita 1860**, mês de junho, há uma mensagem intitulada “Influência do médium sobre o Espírito”, que leva a assinatura de Alfred de Musset ⁽¹¹²⁾:

Só os Espíritos superiores podem se comunicar indistintamente com todos os médiuns, e ter, por toda parte, a mesma linguagem; mas eu não sou um Espírito superior, eis porque, às vezes, sou um pouco material! Entretanto, sou mais avançado do que o credes.

Quando nos comunicamos com um médium, a emanção de sua natureza reflete, mais ou menos, sobre nós; por exemplo, se o médium é dessas naturezas onde o coração domina, desses seres elevados, capazes de sofrer por seus irmãos; enfim, dessas almas devotadas,

grandes, que a infelicidade tornou fortes, e que permaneceram puras no meio da tormenta, então o reflexo faz bem, nesse sentido que nos corrigimos espontaneamente, quando a nossa linguagem disso se ressentir; mas, no caso contrário, **se nos comunicamos por um médium de natureza menos elevada**, servimo-nos, pura e simplesmente, de sua faculdade como de um instrumento; **é então que nos tornamos o que chamamos um pouco materiais; dizemos coisas espirituais, se quiserdes, mas deixamos o coração de lado.**

Pergunta. Os médiuns instruídos, e de um espírito cultivado, são mais aptos a receberem comunicações elevadas que aqueles que não têm instrução? – Resposta. Não; eu o repito: **só a essência da alma se reflete sobre os Espíritos, mas só os Espíritos superiores lhe são invulneráveis.** ⁽¹¹³⁾

Portanto, somente os Espíritos superiores teriam a capacidade de se manifestar por qualquer médium.

Na mensagem há um ponto importante que deve ser ressaltado. Trata-se da influência moral do médium na comunicação, onde se vê que quanto mais elevado for moralmente menos desconforto causará aos Espíritos inferiores que por ele se

manifestam.

5.9. Há um limite de manifestações por médium?

Não vimos Allan Kardec estabelecendo um determinado limite de manifestações que cada médium deveria obedecer.

Entretanto, vamos encontrar algo em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, cap. XVIII – Inconvenientes e perigos da mediunidade, no tópico “Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde”, no item 221 que vale a pena transcrever:

2. O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade provoca fadiga. A mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica **aos efeitos físicos**. Ela necessariamente **ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga**, mas que se repara pelo repouso.”

3. Do ponto de vista higiênico, o exercício da mediunidade pode ter inconvenientes em si mesmo, excluindo-se os casos de abuso?

“Há casos em que é prudente, necessário

mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado; **vai depender do estado físico e moral do médium.** Aliás, o médium o sente geralmente e, quando isso acontece, deve abster-se.”

4. *Haverá pessoas para quem esse exercício seja mais inconveniente do que para outras?*

“Eu já disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas que devem evitar qualquer causa de superexcitação e o exercício da mediunidade é uma delas.” (Itens 188 e 194.) ⁽¹¹⁴⁾ (itálico do original)

Observamos que o Codificador deixou na responsabilidade do médium a questão de dar ou não passividade, entretanto, não falou nada especificamente quanto à quantidade dela.

A fadiga pelo exercício prolongado é mais comum na mediunidade de efeitos físicos, até que em outros tipos pode ocorrer, mas, pelo que deduzimos do que foi dito, não uma fadiga tão elevada quanto aquelas que produzem a de efeitos físicos.

Bom, com isso poderíamos dizer que os grupos mediúnicos que estabelecem a quantidade de

manifestações por médium estariam equivocados? Analisando bem essa questão, chegamos à conclusão de que, na verdade, isso é recomendável. Sim, caro leitor, já estamos vendo sua “cara de espanto”. Mas, pense bem, se deixarmos isso “livre” não poderá ocorrer que um médium tente monopolizar as manifestações dos Espíritos, não abrindo espaço para nenhum outro médium participar do trabalho mediúnico?

Como ainda não somos anjos, essa é a razão pela qual julgamos prudente estabelecer esse limite, que será definido entre os participantes da reunião de desobsessão, levando-se em conta o número de médiuns psicofônicos disponíveis e o tempo estipulado para a tarefa mediúnica.

Na obra ***Diretrizes de Segurança***, os médiuns José Raul Teixeira e Divaldo Pereira Franco, questionados, responderam o seguinte:

52. Que pensar dos médiuns psicofônicos que recebem diversos Espíritos, durante a sessão, um atrás do outro? Será indício de grande mediunidade?

RAUL – A mediunidade amadurecida não é

identificada pelo número de desencarnados que se comuniquem por um único médium, numa mesma sessão, entretanto, será identificada pelo teor das comunicações, pela qualidade do fenômeno, que demonstrará a maior ou menor afinação do médium com as responsabilidades da tarefa.

Cada médium, quando devidamente esclarecido e maduro para o desempenho dos seus compromissos, saberá que **o número avultado de comunicações por sessão poderá indicar descontrole do instrumento encarnado e não a sua pujança mediúnica**. Há médiuns que prosseguem dando passividade a Entidades durante a prece de encerramento, sem qualquer disciplina, quando não justificam que tais Entidades estavam programadas, como se os Emissários do Além, responsáveis por lides tão graves, tivessem menor bom senso que nós, encarnados.

Um número de até duas comunicações, e, em casos de grande necessidade e carência de outros médiuns, até três, parece bastante coerente.

Todos os médiuns, assim, terão chance de atender aos irmãos desencarnados, **sem desnecessários desgastes**. ⁽¹⁵⁾ (O negrito da pergunta no original nós substituímos por itálico)

57. Quantas comunicações um mesmo médium pode receber durante a sessão mediúnica de atendimento a Espíritos sofredores?

DIVALDO – Um médium seguro, num trabalho bem organizado, deve receber de duas a três comunicações, quando muito, para que dê

oportunidade a outros companheiros de tarefas, e para que não tenha um **desgaste exagerado**.

Tenho tido o hábito de observar, em médiuns seguros, conhecidos nossos, que eles incorporam, em média, três Entidades sofredoras ou perturbadoras e o Mentor Espiritual; raramente ocorrem cinco manifestações pelo mesmo instrumento, principalmente num grupo. ⁽¹¹⁶⁾ (O negrito da pergunta no original nós substituímos por itálico)

A quantidade de duas ou três “para que dê oportunidade a outros companheiros de tarefas”, tudo bem é o que achamos razoável, entretanto a justificativa, dada por ambos, quanto ao desgaste desnecessário ou exagerado, sentimos muito, mas para nós não faz sentido, levando-se em conta o que o Espíritos superiores disseram ao consultar a obra *O Livro dos Médiuns*.

Certamente que alguém poderá nos apresentar uma orientação de André Luiz a respeito do tema. Sim, é fato. Na obra ***Desobsessão***, no capítulo 40 – Manifestações simultâneas, no primeiro parágrafo lemos:

Só se devem permitir, a cada médium, duas passividades por reunião, eliminando com isso maiores dispêndios de energia e manifestações sucessivas ou encadeadas, inconvenientes sob vários aspectos. ⁽¹¹⁷⁾

Em nossa maneira de ver, ao determinar a quantidade, esse autor espiritual foi por demais rigoroso, indo além do que falou o Codificador ao dizer “eliminando com isso maiores dispêndios de energia”. Defendemos que uma possível fixação da quantidade seja decisão do grupo mediúnico, mas cada um é livre para seguir o que ele recomenda.

5.10. A conversação no antes e no depois da reunião

Pode até parecer que falar da conversação seja algo impróprio, entretanto nos deparamos com orientações que vale a pena a nossa reflexão.

Trazemos estes dois trechos da obra ***Desobsessão***, ditada por André Luiz através dos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira (1932-2015)

a) Cap. 12 – Conversação anterior à reunião

Há sempre margem a conversações no recinto para os que chegam mais cedo, cabendo aos seareiros do conjunto evitar a dispersão de forças em visitas, mesmo rápidas, mas impróprias, a locais vizinhos, sejam casas particulares ou restaurantes públicos.

Compreensível rogar aos colaboradores da tarefa **a total abstenção de temas contrários à dignidade do trabalho que vão desempenhar.**

Evitem-se os anedotários jocosos, as considerações injuriosas a quem quer que seja.

Esqueçam-se críticas, comentários escandalosos, queixas, azedumes, apontamentos irônicos.

Toda referência verbal é fator de indução.

Se somos impelidos a conversar, durante os momentos que precedem a atividade assistencial, seja a nossa palestra algo de bom e edificante que auxilie e pacifique o clima do recinto, ao invés de conturbá-lo. ⁽¹¹⁸⁾

b) cap. 58 – Conversação posterior à reunião

Claro que, terminada a reunião, se sintam os integrantes da equipe inclinados a entrelaçar pensamentos e palavras na conversação construtiva, porquanto, se a alegria da obrigação cumprida não lhes marca o íntimo, algo existe na equipe a ser necessariamente retificado.

Euforia de confraternização, reconforto do dever nobremente atendido.

Não raro, surge a oportunidade da prosa afetiva

em torno de um café ou enquanto se espera condução.

Falemos, cultivando bondade e otimismo.

Importante que a palestra não descambe para qualquer expressão negativa.

Se um dos desencarnados sofredores emitiu conceitos menos felizes, ou se um dos médiuns em ação não conseguiu desincumbir-se corretamente das atribuições que lhe foram conferidas em serviço, **evitem-se com empenho reprovações, críticas, motejos, sarcasmos.**

Compreendamos que uma equipe para a desobsessão se desenvolve e se aperfeiçoa com serviço e tempo, como qualquer outra empresa produtiva, e **algum comentário desairoso, destacando deficiências e males, constitui prejuízo na obra do progresso e na consolidação do bem.** ⁽¹¹⁹⁾

Que prestemos bem atenção a essas ponderações de André Luiz, pois, segundo entendemos, elas são pertinentes e não fogem à lógica e ao bom senso.

6. Certos Espíritos poderiam ser constrangidos a comparecer em uma reunião?

Essa é uma dúvida comum, pois vigora no meio espírita a ideia de que os Espíritos superiores jamais desrespeitariam o livre-arbítrio de qualquer Espírito. Já até fizemos uma pesquisa sobre esse tema, que resultou no ebook *Os Espíritos superiores e o nosso livre-arbítrio* ⁽¹²⁰⁾, dela nos serviremos para compor esse capítulo.



É bom esclarecer, logo de início, que isso não ocorre de forma generalizada, mas somente em relação aos Espíritos muito endurecidos que, às vezes, são coagidos pelos Espíritos superiores a se manifestarem em reuniões mediúnicas. Têm como objetivo proporcionar-lhes ajuda, esclarecendo-os de sua real situação perante as leis divinas, conforme confirmaremos com as explicações constantes de

obras da Codificação.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, cap. XXV - Das evocações, item 282 - Perguntas sobre as evocações, questões 8, 9 e 10, lemos:

8. O Espírito evocado vem espontaneamente ou constrangido?

“Ele obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo. Todavia, **a palavra constrangido não se ajusta ao caso, já que o Espírito julga da utilidade de vir, ou deixar de vir. Ainda aí exerce o livre-arbítrio.** O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias ou que tratam estas coisas como brincadeira.” ⁽¹²¹⁾ (itálico do original)

Conforme veremos, os fatos não se ajustam à primeira parte da resposta que nega haver coação, a não ser que ela esteja se referindo a Espíritos com grau de evolução mais elevado, pois, quanto aos malfazejos vimos que vários casos dando conta de que foram levados à reunião contra a sua vontade, portanto, foram constrangidos. É exatamente isso que se verá nestas duas próximas questões:

9. *O Espírito evocado pode negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido?*

“Perfeitamente. Onde estaria o seu livre-arbítrio se assim não fosse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? Vós mesmos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? **Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constringido a vir por um Espírito superior.**”

10. *Haverá para o evocador, meio de obrigar a vir contra sua vontade?*

“Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual ou superior em moralidade. Digo – *em moralidade*, e não em inteligência – porque não tendes sobre ele nenhuma autoridade. Se lhe for inferior, **o evocador pode consegui-lo, desde que seja para o bem do Espírito evocado, porque, nesse caso, outros Espíritos o ajudarão.** ⁽¹²²⁾ (itálico do original)

É caso raro, mas para que um encarnado consiga que um Espírito se manifeste contra sua vontade, ele deverá ter moralidade mais elevada da que possui o evocado, mas, mesmo nesta situação, acreditamos que ele será secundado por Espíritos superiores.

Vejam também a questão 21:

21. *Existe alguma diferença entre os Espíritos bons e os maus no que se refere à solicitude com que atendem ao nosso chamado?*

“Há, e muito grande: **os Espíritos maus** só vêm de boa vontade quando esperam dominar e enganar; porém, **experimentam viva contrariedade quando são forçados a vir para confessarem suas faltas**, e outra coisa não procuram senão ir-se embora, como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. **Podem ser constrangidos a isso por Espíritos superiores**, como castigo e para instrução dos encarnados. [...]” ⁽¹²³⁾ (itálico do original)

Portanto, existem algumas situações em que alguns Espíritos inferiores são constrangidos a manifestarem-se por ação dos que lhes são superiores, visando o próprio bem deles.

E, um pouco mais à frente, do item 284, julgamos ser oportuno destacar a seguinte questão:

50. *O Espírito de uma pessoa viva não poderia ser constrangido, por outro Espírito, a vir e falar, como sucede com os Espíritos errantes?*

“Entre os Espíritos, sejam de mortos ou de

vivos, só existe uma supremacia: a que resulta da superioridade moral. Por outro lado, deveis compreender que um Espírito superior jamais apoiaria uma indiscrição tão covarde.” (124) (itálico do original)

O destaque é “como sucede com os Espíritos errantes” pois evidencia o fato de que os que se encontram nessa situação podem ser constrangidos por Espírito que lhe tenha supremacia, ou seja, a que resulta da superioridade moral, a vir e falar numa reunião mediúnica.

Ainda em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXVI, item 292, na questão 22, temos que “[...] **os maus podem ser constrangidos** a descrever seus sofrimentos, a fim de serem tocados pelo arrependimento. [...]” (125)

Trazemos de **O Céu e o Inferno**, Primeira Parte, cap. X - Intervenção dos demônios nas modernas manifestações, o item 10, no qual se lê:

Não há nenhum meio de se obrigar um Espírito a atender a uma evocação contra a sua vontade, desde que ele seja, do ponto de vista moral, igual ou superior à pessoa que o evoca,

caso em que esta não terá nenhuma autoridade sobre ele. **Porém, se o Espírito lhe for inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para o bem do Espírito evocado**, porque, nesse caso, outros Espíritos o ajudarão. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 10.) ⁽¹²⁶⁾ (itálico do original)

Entendemos que em situações que o evocador consegue “obrigar a um Espírito a atender a uma evocação contra sua vontade” de forma que esse compareça à reunião, ou ele, o evocador, é ajudado pelos Espíritos superiores que a coordenam, ou é ação somente deles.

O que consta no item 14, é praticamente a reprodução do que citamos da 2ª Parte, cap. XXV – Das evocações, item 282 de *O Livro dos Médiuns*. Apenas ressaltaremos que o constrangimento de um Espírito inferior por um que lhe é superior, não temos dúvida alguma, é feito somente em obediência à vontade de Deus.

Nestes trechos da **Revista Espírita 1858**, **Revista Espírita 1859** e **Revista Espírita 1864**, respectivamente, podemos corroborar essa ação de Espíritos superiores:

[...] pela evocação ele pode, como Espírito de uma ordem pouco elevada, **ser constrangido a vir a um meio que lhe desagrada**. [...]. ⁽¹²⁷⁾

[...] Sabeis que **esses Espíritos não vêm ao nosso chamado senão como constrangidos e forçados**, e que, em geral, encontram tão pouco do seu meio entre nós, que sempre têm pressa de irem. [...]. ⁽¹²⁸⁾

[...] Somente certos culpados vêm com repugnância, e, nesse caso, eles não **são ali constrangidos** pelo evocador, mas **por Espíritos superiores, tendo em vista seu adiantamento**. [...]. ⁽¹²⁹⁾

Com relação aos Espíritos perturbados também pode ocorrer constrangimento.

Vimos anteriormente que na obra **No Invisível**, cap. XIX - Transes e Incorporações, Léon Denis ao explicar a possibilidade do fenômeno mediúnico se dar pela transmissão do pensamento e também da incorporação, disse que:

[...] **certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium** e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. [...]. ⁽¹³⁰⁾

Então, com as experiências do grupo de Lyon, Léon Denis ficou convencido de que certos Espíritos pouco adiantados são coagidos a se manifestarem na reunião mediúnica, cujo objetivo, foi, sem nenhuma dúvida, o de esclarecê-los.

Vejamos estes exemplos, que tomaremos das seguintes obras:

1º) **Revista Espírita 1859**, mês de setembro, artigo “Confissão de Voltaire”:

O Espírito de um soberano, que desempenhou no mundo um papel preponderante, **chamado em uma de nossas reuniões**, iniciou por ato de cólera rasgando o papel e quebrando o lápis. Sua linguagem esteve longe de ser benevolente, porque **se achava humilhado por vir entre nós**, e perguntou se acreditávamos que ele deveria se abaixar para nos responder. **Conviu, entretanto, que, se o fazia, era como constrangido e forçado por uma força superior à sua; mas se isso dependesse dele não o faria.** [...]. ⁽¹³¹⁾

Temos aqui o próprio Espírito errante confessar que foi constrangido a manifestar-se por uma força superior à sua.

2º) Na **Revista Espírita 1860**, mês de abril, foi publicada a ata da Sessão do dia 23 de março, da qual destacamos:

Estudos. – Dois **ditados espontâneos** foram obtidos, o primeiro do Espírito de Charlet, pelo senhor Didier filho, **o segundo pela senhora de Boyer, de um Espírito que diz ser forçado a vir acusar-se por ter querido romper a boa harmonia e lançar a perturbação entre os homens, suscitando o ciúme e a rivalidade entre aqueles que deveriam estar unidos;** citou alguns dos fatos dos quais se tornou culpado. **Essa confissão espontânea, diz-se, faz parte da Punição que lhe foi imposta.** ⁽¹³²⁾ (itálico do original)

Em maio de 1862, no registro da ata do dia 30 de março de 1860, temos a informação de que foram dirigidas várias perguntas a São Luiz sobre esse Espírito, cujo nome era Being ⁽¹³³⁾. Infelizmente, não conseguimos localizar esse diálogo com o protetor da Sociedade Espírita de Paris.

3º) **Revista Espírita 1862**, mês de novembro, temos uma informação de São João Batista sobre o Espírito G. Remone e um diálogo do Espírito Jacques

Noulin, pela ordem:

29. (A São João Batista.) **G. Remone não foi constrangido, por punição, sem dúvida, a vir à nossa evocação confessar seu crime?**

Isto parece resultar da sua primeira resposta, na qual fala da justiça de Deus. – R. **Sim, ele foi forçado**, mas a isso se resignou de boa vontade, quando viu como um meio a mais para ser agradável a Deus, em vos servindo em vossos estudos espíritas. ⁽¹³⁴⁾

59. Não pareceis ser um Espírito muito avançado? – R. Ocupai-vos de vossos assuntos e **deixai-me ir daqui.**

Nota. Como não há portas fechadas para os Espíritos, **se este pede que se o deixe ir, é que um poder superior lhe constrange a ficar**, sem dúvida para sua instrução. ⁽¹³⁵⁾

O importante é o objetivo que levou a esse Espírito ser constrangido a ter que ficar na reunião, ou seja, o de ser para sua instrução.

4º) **Revista Espírita 1865:**

a) Mês de junho, artigo “Cura de um obsidiado em Barcelona”:

[...] Na quarta evocação, orou conosco e **se lamentou de ser conduzido junto a nós contra a sua vontade**; ele queria muito vir, mas de sua própria vontade. Foi o que fez na sessão seguinte; pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos mais ascendência sobre ele, e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, depois da quarta sessão, tinha sempre diminuído, e tivemos a satisfação de ver as crises cessarem na nona. [...]. (136)

b) Mês de dezembro, artigo “Espíritos de dois sábios incrédulos aos seus antigos amigos da Terra”, da comunicação do Espírito que assinou M. L..., destacamos os seguintes parágrafos:

Meu caro cunhado, a quem devo sinceros agradecimentos, disse que retornei aos bons sentimentos em pouco tempo. Eu lhe agradeço pela sua amenidade a meu respeito; mas, sem dúvida, ele ignora o quanto são longas as horas de sofrimento resultantes da inconsciência de seu ser!!!... Eu acreditava no nada, e fui punido por um nada fictício. Sentir-se ser e não poder manifestar seu ser; se crer disseminado em todos os restos esparsos da matéria que forma o corpo, tal foi minha posição durante mais de dois meses!... dois séculos!... Ah! as horas do sofrimento são longas, e se não se tivesse ocupado em me tirar dessa má atmosfera do nihilismo, **se não se me tivesse constrangido a vir a essas reuniões de paz e de amor**, onde eu não compreendia, não via nem

ouvia nada, mas onde os fluidos simpáticos agiam sobre mim e me despertavam pouco a pouco de meu pesado torpor espiritual, onde eu estaria ainda? meu Deus!... Deus!... que doce nome a pronunciar por aquele que foi tanto tempo ligado ao nada esse pai tão grande e tão bom! Ah! meus amigos, moderai-me, porque hoje não temo senão uma coisa, é de me tornar fanático dessas crenças que teria repellido como vis disparates, se outrora viessem ao meu conhecimento!...

Eu não direi nada hoje sobre os trabalhos dos quais vos ocupais; sou ainda muito novo, muito ignorante para ousar me aventurar em vossas sábias dissertações. Já sinto, mas não sei ainda! Dir-vos-ei somente isto, porque já o sei: Sim, os fluidos têm uma influência enorme como ação curadora, se não corpórea, disso nada sei, pelo menos espiritual, porque senti a sua ação. Eu vos disse e vos repito com alegria e reconhecimento: **Eu ia, constrangido por uma força invencível, a de meu guia sem dúvida, nas reuniões espíritas.** Eu não via, não ouvia nada, e, no entanto, uma ação fluídica que não podia raciocinar, me curou espiritualmente. ⁽¹³⁷⁾

Novamente, temos o próprio Espírito manifestante dizendo que compareceu à reunião porque foi constrangido por uma força invencível.

5º) **O Céu e o Inferno**, Segunda parte, cap. VI - Criminosos arrependidos e cap. VII - Espíritos

endurecidos, respectivamente:

a) O Espírito de Castelnaudary

[...] São Luís respondeu: “É um Espírito da pior espécie, verdadeiro monstro: **fizemo-lo comparecer**, mas a despeito de tudo quanto lhe dissemos **não foi possível obrigá-lo a escrever**. Ele tem o seu livre-arbítrio, do qual o infeliz tem feito triste uso”.

[...].

[...] Morreu em 1659, com 80 anos, sem que houvesse respondido por estes crimes, que pouca atenção despertavam naquela época de confusões. Depois da morte, jamais cessara de praticar o mal, provocando vários acidentes naquela casa. **Um médium vidente que assistiu à primeira evocação o viu no momento em que pretendiam forçá-lo a escrever, sacudindo violentamente o braço do médium**. Seu aspecto era terrível; trajava uma camisa ensanguentada e tinha na mão um punhal. ⁽¹³⁸⁾

b) A rainha de Oude

2-a. *Que pensais das honras fúnebres prestadas aos vossos despojos?* – R. Não foram grande coisa, pois eu era rainha e nem todos se curvaram diante de mim... Deixai-me... **forçame a falar...** não quero que saibais o que ora

sou... Ficai sabendo que eu era rainha...

9. *Por que atendestes tão prontamente ao nosso apelo?* – R. **Eu não queria vir, mas forçaram-me.** Acaso pensarás que eu me dignaria responder-te? Que és tu a meu lado?

9-a. **E quem vos forçou a vir?** – R. **Nem eu mesma sei...** posto que não deva existir ninguém mais poderoso do que eu. ⁽¹³⁹⁾ (itálico do original)

Esses exemplos, plenamente corroboram o fato de que alguns Espíritos são constrangidos a se manifestarem e, como dito, para o próprio bem deles, ainda que eles não tenham consciência disso.

7. Como devemos tratar os Espíritos manifestantes?

Julgamos que para a maioria de nós, os espíritas, não há nenhuma dúvida de que todos os trabalhadores da reunião mediúnica, cada um na tarefa que lhe cabe, são importantes.



Entretanto, um deles exerce uma função que se destaca e que, a nosso ver, é fundamental para o bom resultado dos trabalhos. Allan Kardec designava quem a exercia de “evocador”, mas, na atualidade, é, na maioria das vezes, chamado de “doutrinador”.

Particularmente não temos muita simpatia pelo termo “doutrinador”, uma vez que poderá despertar uma ideia que não representaria muito bem a função realizada, pois até politicamente se pode doutrinar uma pessoa. Em razão disso acreditamos que, s.m.j., seria mais adequado a designação de “esclarecedor”

ou de “dialogador”.

Pela experiência que adquirimos ao longo dos tempos, a nossa opinião é a de que essa não seria uma função que pode ser exercida por qualquer pessoa. Há algumas qualidades que devem fazer parte de sua maneira de ser. Não se exigirá dele, obviamente, um comportamento angelical, porém, estas mínimas qualificações julgamos serem imprescindíveis:

a) - que na sua vida do dia a dia seja alguém de bom trato para com todos: mansuetude, gentileza, tolerância, vontade de ajudar ao próximo, etc.;

b) - ter boa desenvoltura com os ensinamentos de Jesus que estão registrados dos Evangelhos;

c) - um bom conhecimento doutrinário, consubstanciado nos princípios espíritas;

d) - e, finalmente, ter um coração livre dos sentimentos de raiva e ódio.

O último item listado pode causar estranheza, mas como a grande parte dos Espíritos que se

manifestam nas reuniões de desobsessão tem entranhado dentro de si intenso grau de ódio, evidenciado pelo seu irreduzível desejo de vingança, não faz sentido algum o esclarecedor pedir-lhes que perdoem sua vítima, quando eles próprios não fazem isso em sua vida diária.

Por outro lado, as palavras dirigidas aos Espíritos devem estar “carregadas” do sentimento de amor. Lamentavelmente, já vimos alguns esclarecedores tratando de forma “seca”, quase que grosseiramente mesmo, o infeliz que se manifestava. Também não faltam aqueles que querem demonstrar conhecimento soltando toda uma oratória acadêmica e deixando os pobres manifestantes quase que humilhados.

No artigo “Estudos sobre os possessos de Morzine - As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, quinto e último da série, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de maio, há algo que merece citarmos:

Terminaremos confortando certos habitantes da região sobre a pretensa influência que alguns

dentre eles teriam podido exercer dando o mal, como o dizem; a crença nos lançadores de sorte deve ser relegada entre as crenças supersticiosas. **Que sejam piedosos de coração, e que aqueles que estão encarregados de conduzi-los se esforcem por elevá-los moralmente**, é o meio mais seguro para neutralizar a influência dos maus Espíritos, e de prevenir o retorno do que se passou. Os maus Espíritos não se dirigem senão àqueles que eles sabem poder dominar, e não àqueles que a superioridade moral, não dizemos intelectual, encouraça contra seus ataques. ⁽¹⁴⁰⁾

A instrução de que os encarregados de instruir os Espíritos sejam “piedosos de coração”, evidencia a necessidade de que tenham efetivamente a vontade de diminuir ou se solidarizar com o sofrimento alheio.

A médium Suely Caldas Schubert (1938-2021), em **Obsessão/Desobsessão: Profilaxia e Terapêutica Espírita**, no cap. 6 – O Doutrinador, explica que:

Esclarecer, em reunião de desobsessão, é clarear o raciocínio; é levar uma entidade desencarnada, através de uma série de reflexões, a entender determinado problema que ela traz consigo e que não consegue resolver; ou **fazê-la**

compreender que as suas atitudes representam um problema para terceiros, com agravantes para ela mesma. É levá-la a modificar conceitos errôneos, distorcidos e cristalizados, por meio de uma lógica clara, concisa, com base na Doutrina Espírita e, sobretudo, permeada de amor.

Essa é uma das mais belas tarefas na reunião de desobsessão e que requer muita prudência, discernimento e diplomacia. Que requer, principalmente, o ascendente moral daquele que fala sobre aquele que ouve, que está sendo atendido. Esse ascendente moral faz com que as explicações dadas levem o cunho da serenidade, da energia equilibrada e da veracidade.

As palavras são como setas arremessadas, que poderão ser danosas ou benéficas, dependendo do sentimento de quem as projeta. As primeiras ferem, causam distúrbios, destroem e podem acordar sentimentos de revide, com igual teor vibratório. As segundas, vibrando na luz do amor, penetram na alma como bênçãos gratificantes, produzindo reflexos de claridade que se identificarão com o emissor.

No instante do esclarecimento, quando a entidade se comunica, ela está de alguma forma expectante, aguardando alguma coisa, para ela, imprevisível. **Também os presentes à reunião se colocam em posição especial, porém, de doação, de desejo de atender à expectativa do irmão necessitado.** E qualquer que seja a maneira sob a qual ele se apresente, todos os pensamentos e todas as vibrações devem estar

unidos, homogêneos, dirigidos no intuito de beneficiá-lo. Nesta hora, o doutrinador será o polo centralizador desse conjunto de emoções positivas, estabelecendo-se uma corrente magnética que envolve o comunicante e que ajuda, concomitantemente, ao que esclarece. Este, recebendo ainda o influxo amoroso do Mentor da reunião, terá condições de dirigir a conversação para o rumo mais acertado e que atinja o cerne da problemática que o Espírito apresenta.

O esclarecimento não se faz mostrando erudição, conhecimentos filosóficos ou doutrinários. Também não há necessidade de dar uma aula sobre o que é o Espiritismo, nem de mostrar o quanto os espíritas trabalham. Como não é o instante para criticar, censurar, acusar ou julgar ⁽¹⁴¹⁾. **Esclarecer não é fazer sermão**. Não surtirão bons resultados palavras revestidas de grande beleza, mas vazias, ocas, frias. Não atenderão às angústias e aflições daquele que sofre e muito menos abrandarão os revoltados e vingativos. ⁽¹⁴²⁾

Embora tenha ampliado mais um pouco a nossa percepção julgamos que essa explicação Suely Caldas é oportuna e, certamente, deve ser levada em conta.

A Equipe Eurípedes Barsanulfo, em **O Que é Evangelização dos Espíritos**, esclarece-nos que:

O Evangelizador de Espíritos **é o Ser comprometido com Jesus**, na grande tarefa de renovar o pensamento do Espírito auxiliando-o a compreender de forma racional, amorosa, quem ele é verdadeiramente. ⁽¹⁴³⁾

O Evangelizador de Espíritos **não pode servir o Mestre com o pensamento ligado à vaidade, as ilusões e ao materialismo** que entorpece a consciência do Espírito. ⁽¹⁴⁴⁾

O Evangelizador de Espíritos **está sempre pronto para o trabalho com Jesus**. Não se deixa iludir com as questões materialistas, disponibilizando-se para o trabalho amoroso de auxiliar e esclarecer. ⁽¹⁴⁵⁾

Esse compromisso e essa prontidão para o trabalho com Jesus devem surgir da aplicação da máxima: *“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas.”* (Mateus 7,12)

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, cap. XIV - Médiuns, no item 162, Allan Kardec acrescenta:

A moralização do Espírito, pelos conselhos de uma pessoa influente e experiente, caso o

[próprio] médium não se ache em condições de fazê-lo, constitui quase sempre meio muito eficaz. [...]. (146)

A experiência no trato com os Espíritos é uma outra exigência para a função. Para a conseguir, o candidato a dialogador, deve procurar alguma casa espírita que lhe permita participar como aprendiz das reuniões de desobsessão, uma vez que “é preciso aprender a conversar com os Espíritos como se aprende a conversar com os homens: em todas as coisas é preciso a experiência.” (147)

Vejamos o seguinte trecho de **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, cap. XXIII - “Obsessão”, do item 249:

[...] o médium deve apelar com fervor ao seu anjo bom, assim como aos Espíritos bons que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o assistam. **Quanto ao Espírito obsessor, por muito mau que seja, deve ser tratado com severidade, mas, ao mesmo tempo, com benevolência e vencê-lo pelo bom comportamento, orando por ele.** Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por emendar-se. **É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes**

penosa, ingrata, desagradável mesmo, mas cujo mérito está na dificuldade que oferece e que, se bem realizada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de se haver reconduzido ao bom caminho uma alma transviada. ⁽¹⁴⁸⁾

Pela importância do que queremos chamar a atenção, destacamos “o Espírito obsessivo, por muito mau que seja, deve ser tratado com severidade, mas, ao mesmo tempo, com benevolência”. Respeito, complacência, tolerância, amorosidade, etc. devem ser a base com a qual o esclarecedor precisa estar plenamente imbuído.

Falta-nos ainda ressaltar um outro ponto de suma importância. Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, cap. XXIII - “Obsessão”, item 251, que fala da subjugação corpórea, destacamos o seu parágrafo inicial:

A subjugação corpórea tira muitas vezes do obsidiado a energia necessária para dominar o Espírito mau. **É por isso que se torna necessária a intervenção de outra pessoa**, que atue pelo magnetismo ou pela força da sua própria vontade. Em falta do concurso do obsidiado, **essa pessoa deve ter predomínio sobre o Espírito; porém,**

como esse predomínio, ou ascendente, só pode ser moral e, portanto, só poderá ser exercido por um ser moralmente superior ao Espírito, o seu poder será tanto maior quanto maior for a sua superioridade moral, porque então se impõe ao Espírito, que se vê forçado a inclinar-se diante dele. É por isso que Jesus tinha tão grande poder para expulsar os que, naquela época, se chamavam demônios, isto é, os Espíritos maus obsessores. (149)

Portanto, fica bem clara a necessidade de o esclarecedor ter ascendência moral sobre os Espíritos manifestantes para que, efetivamente, os possa moralizar.

Temos ou não razão ao dizer que essa função não é para qualquer um?

Ainda em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXV – “*Evocações*”, merecem destaque os seguintes parágrafos do item 280 do tópico “*Linguagem a ser usada com os Espíritos*”:

Entre os Espíritos inferiores, muitos são infelizes. **Quaisquer que sejam as faltas que estejam expiando, seus sofrimentos merecem ainda mais a nossa comiseração**, pois é certo que ninguém pode vangloriar-se de escapar a

estas palavras do Cristo: **“Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”**. A **benevolência** com que os tratamos é um alívio para eles. Em falta de simpatia, **precisam encontrar em nós a indulgência que desejaríamos que tivessem para conosco**.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade pelo cinismo da linguagem, pelas maneiras, pela baixeza dos sentimentos, pela perfídia dos conselhos, são, indubitavelmente, menos dignos do nosso interesse, do que aqueles cujas palavras atestam o seu arrependimento, mas, pelo menos, **devemos-lhe a piedade que nos inspiram os maiores criminosos**. O meio de os reduzirmos ao silêncio consiste em nos mostrarmos superiores a eles, que só confiam nas pessoas de quem nada tenham a temer, pois **os Espíritos perversos reconhecem a superioridade dos homens de bem**, como reconhecem a primazia dos Espíritos superiores.

Em resumo, seria tão irreverente tratarmos os Espíritos superiores de igual para igual, quanto ridículo dispensarmos a todos, sem exceção, a mesma deferência. Tenhamos veneração para os que a merecem, reconhecimento para os que nos protegem e assistem e, **para todos os demais, a benevolência de que talvez um dia venhamos a necessitar**. [...]. ⁽¹⁵⁰⁾

Os sentimentos de benevolência, indulgência e piedade devem fazer parte do caráter de todos os

componentes de uma reunião de desobsessão. Como já dito, sentimentos de raiva e ódio não devem encontrar nenhum abrigo em seus corações. Ademais, não podemos exigir dos outros uma atitude ou comportamento que, pela nossa inferioridade, não conseguimos fazer.

É evidente que também aprendemos nas reuniões de desobsessão, momentos nos quais temos a oportunidade de ser caridosos com os que sofrem influência dos Espíritos vingativos, ao lhes darmos bons conselhos de forma a tomarem a decisão de deixarem suas vítimas em paz e passarem a cuidar de sua própria evolução espiritual.

Não raro os conselhos que lhes são dados também servem para todos do próprio grupo mediúnico, uma vez que temos que transformar nossas palavras em ação diária.

8. A função da música

É fácil comprovar que a música certa no momento certo, leva as pessoas às lágrimas... ⁽¹⁵¹⁾



As vibrações produzidas pela música “amolecem” o nosso coração, abrindo-o a sentimentos nobres e mais elevados.

Sabemos que, se não em todas, mas

provavelmente na maioria das casas espíritas, nas reuniões mediúnicas é utilizada música ambiente.

Pode-se questionar a necessidade dela, uma vez que, nas obras da Codificação Espírita, nada especificamente foi dito a respeito disso. Entretanto, se levarmos em conta este episódio acontecido com Saul, quando rei de Israel, relatado pelo historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.) na obra ***História dos Hebreus***, esse procedimento pode ser útil:

235. Saul, ao contrário, foi tomado pelo espírito mau, que parecia querer enganá-lo a todo instante. **Os médicos não encontraram outro remédio para esse mal, senão mandar cantar para ele, ao som de harpa, hinos sagrados, por algum músico competente, quando o demônio o agitasse.** Mandaram procurá-lo por toda parte; disseram-lhe que havia somente um que poderia fazê-lo e era um dos filhos de Jessé, de nome Davi, que não somente era muito bom músico, mas muito belo e capaz de servi-lo na guerra; mandou então dizer a seu pai que o dispensasse do encargo de vigiar os rebanhos e o mandasse, porque lhe haviam dito tantas coisas dele, queria vê-lo. Jessé mandou-o logo, com vários presentes e Saul o recebeu muito bem, deu-lhe um lugar como soldado e o tratou bondosamente, em tudo. Além de lhe ser muito agradável, **somente ele podia acalmá-lo e trazer a bons sentimentos,**

com seus cânticos e o som da harpa. Assim, pediu a seu pai que o deixasse ficar com ele, pois estava muito contente com a sua companhia. ⁽¹⁵²⁾

Esse fato também é narrado na Bíblia (1 Samuel 16,14-23), que ainda acrescenta: *“Todas as vezes que o espírito de Deus o acometia, Davi tomava a lira e tocava; então Saul se acalmava, sentia-se melhor e o mau espírito o deixava.”* ⁽¹⁵³⁾

Na **Revista Espírita 1864**, mês de setembro, foi publicado o artigo “Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

De todos os tempos, **reconheceu-se à música uma influência salutar para o abrandamento dos costumes; a sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e não poderia ter senão resultados satisfatórios; ela comove as fibras entorpecidas da sensibilidade, e as predispõe a receber as impressões morais.** Mas isto é suficiente? Não; é um trabalho sobre um terreno inculto, que é preciso semear de ideias próprias a fazerem, sobre essas naturezas desencaminhadas uma profunda impressão. É preciso falar à alma depois de ter amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga,

incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé fundada sobre a certeza, a única que pode torná-la inabalável. **Sem dúvida, a música pode a isso predispor, mas ela não a dá. Por isso não é menos uma auxiliar que não é preciso negligenciar.** Essa tentativa e muitas outras, às quais a Humanidade e a civilização **não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude para o moral dos condenados;** mas resta ainda alcançar o mal em sua raiz; um dia se reconhecerá toda a extensão que se pode tirar nas ideias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que elas operam sobre as naturezas em aparência as mais rebeldes. [...]. ⁽¹⁵⁴⁾

Ao sensibilizar as fibras do coração o dialogador terá “campo aberto” para, com base nos ensinamentos do Mestre Jesus e, conforme o caso, o conhecimento espírita, instruir o Espírito manifestante.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de março, foi publicada uma mensagem intitulada “A música e as harmonias celestes”, datada de 17 de janeiro, assinada pelo Espírito do Maestro Rossini. Vejamos este trecho:

[...] Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado do que aquele que ela não pode penetrar; sua alma está mais apta a sentir; ela se desliga mais facilmente, e a harmonia a ajuda a se desligar; ela a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. De onde é preciso concluir que a música é essencialmente moralizadora, uma vez que leva a harmonia às almas, e que a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música sobre a alma, sobre o seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão dessa influência é geralmente ignorada. Sua explicação está inteiramente neste fato: que a harmonia coloca a alma sob a força de um sentimento que a desmaterializa. Esse sentimento existe em um certo grau, mas ele se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que está privado desse sentimento a ele é levado gradativamente; acaba ele também por se deixar penetrar e se deixar arrastar ao mundo ideal, onde ele esquece, por um instante, os grosseiros prazeres que prefere à divina harmonia.
(¹⁵⁵)

Eis aí a opinião de quem tem autoridade para falar:

Gioachino Antonio Rossini (1792-1868) foi um

compositor erudito italiano, muito popular em seu tempo, que **criou 39 óperas, assim como diversos trabalhos para música sacra e música de câmara.** ⁽¹⁵⁶⁾

Certamente que, ao se falar em música, não se está recomendando as que têm caráter puramente “mundano”, vamos assim dizer. Por outro lado, deve-se evitar as que possam estimular a licenciosidade ou produzir exaltação dos instintos e à violência de qualquer tipo.

Recomendaríamos, se nos permite o caro leitor, preferencialmente, música instrumental estilo clássico ou de cunho religioso, próprias para harmonização de ambientes.

No capítulo XX – Aparições e materializações de Espíritos, da obra ***No Invisível*** (1903), Léon Denis, fala sobre o efeito da música e dos cantos nas reuniões mediúnicas dedicadas a esses fenômenos:

O estudo das forças em ação nesses fenômenos demonstra que **eficazes auxiliares podem ser a música e os cantos. Suas vibrações harmônicas facilitam a combinação dos fluidos.** Em sentido oposto, temos verificado a

desfavorável influência da luz; esta produz um efeito dissolvente sobre os fluidos em elaboração e exige um emprego mais considerável de força psíquica. Daí a necessidade das sessões obscuras, pelo menos nas tentativas iniciais. ⁽¹⁵⁷⁾

Sabíamos que o ectoplasma é uma substância altamente sensível à luz, mas a novidade, que aqui deparamos, é ver que também a música e o canto provocam efeitos positivos nele.

Em ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931), o autor J. Arthur Findlay explica:

Nada concorre mais do que a música, para que as melhores condições se estabeleçam. As vibrações musicais embora sejam levadas pela atmosfera e não pelo éter **exercem indireta influência sobre as vibrações** que enviamos para o segundo; por isso é que **iniciamos as nossas sessões cantando**, acompanhados ao harmônio. [...]. ⁽¹⁵⁸⁾

Julgamos que esse efeito positivo da música não deve ficar restrito às reuniões específicas de materializações, pode ser algo genérico, valendo

para todas aquelas em que ocorre algum fenômeno mediúnico, ainda que seja a simples psicografia ou psicofonia.

Em ***O Que é Evangelização de Espíritos*** (2005), a Equipe Eurípedes Barsanulfo, composta de vários Espíritos, no tópico “A música” do capítulo “Recursos utilizados pelo método da evangelização”, pontua que:

A música tem extraordinária função, provocar uma vibração diferente, atuando de forma ampla nos sentimentos. Desperta desejos, sentimentos que se mesclam, deixando sempre sinais no contexto íntimo do Ser.

A música na Casa Espírita **precisa trazer harmonia e jamais excitações**, que em nada contribuiria com o bem-estar dos que a ouvem.

A música alcança as mais íntimas estruturas do pensamento, sendo seu alcance maior do que o da palavra. ⁽¹⁵⁹⁾

Corroborar-se, portanto, a plena eficácia da música.

Em junho de 2019, publicou-se no site da Federação Espírita do Distrito Federal (FEDF) o artigo

“Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações”, no qual Fabiana Menezes, coordenadora do Coral Unicanto, de Londrina (PR), foi muito feliz ao afirmar:

“A música tem esta capacidade de influenciar no campo vibracional das pessoas, por isto, ela tem demasiada importância nas Casas Espíritas, pois além de elevar a vibração do ambiente, **o que oferece suporte para a atuação dos benfeitores espirituais, ela também sensibiliza os corações para que estes possam receber a mensagem do Cristo**, reforçada pelo Espiritismo.” ⁽¹⁶⁰⁾

Ainda que a música terrestre não tenha o esplendor da celestial, os Espíritos vulgares acabam por se sensibilizarem, algo como “amolecer o coração”, quando a ouvem.

9. Poder-se-ia considerar o obsidiado um médium?

Essa é uma dúvida que surge, algumas vezes, entre os adeptos do Espiritismo. Para um grupo de confrades, o obsidiado não seria propriamente um médium. É o que propomos elucidar nesse capítulo.

No capítulo III - A obsessão segundo Kardec da obra ***A Obsessão e Seu Tratamento Espírita*** (1982), o escritor e jornalista Celso Martins, apoiando-se em Allan Kardec, apresenta várias causas que podem desencadear uma obsessão, das quais destacamos o item D:

Obsessão decorrente da eclosão das faculdades mediúnicas e o médium, por razões pessoais, se nega a aceitar o fato que se impõe. **Não educando o seu mediunismo, não sabendo como controlá-lo, como canalizá-lo para o bem comum, acaba, o médium inexperiente, nas malhas das influências negativas de entidades malfazejas.** A mediunidade, não raro, constitui oportunidade de resgatar velhas dívidas, recurso oferecido pela Misericórdia de Deus para que a

criatura faça o Bem ao semelhante, quitando-se de débitos anteriores. [...]. ⁽¹⁶¹⁾

O que o jornalista Celso Martins coloca é algo que pessoalmente vimos na prática, quando ainda residíamos no interior das Minas Gerais.

Mas a questão é: e na codificação poderemos encontrar algum apoio para sustentar que o obsidiado seja, de fato, um médium? Acreditamos que sim.

Na **Revista Espírita 1863**, mês de fevereiro, temos publicado o 3º artigo intitulado “Estudo sobre os possessos de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

[...]. **No médium subjugado**, o Espírito, tomando de alguma sorte o corpo de um terceiro para agir, exprime seus pensamentos, não mais pela escrita, mas pelos gestos e pelas palavras que provoca no médium; ora, **como todo fenômeno espírita não pode se produzir sem uma aptidão medianímica, pode-se dizer que a mulher da qual se acaba de falar é um médium espontâneo e involuntário**. [...]. ⁽¹⁶²⁾

O Codificador reportando ao caso relatado por um correspondente de Boulognesur-Mer sobre “A mulher de um marinheiro desta cidade, com a idade de quarenta e cinco anos, está desde os quinze sobe o domínio de uma triste subjugação.” concluiu que “todo fenômeno espírita não pode se produzir sem uma aptidão medianímica”, conseqüentemente, qualquer pessoa que venha a passar pela dolorosa experiência da obsessão é médium, ainda que não tenha consciência disso e que os outros não o vejam como tal.

No 5º e último artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de maio, lemos:

Está na natureza desses Espíritos o serem antipáticos à religião, porque lhe temem poder, como os criminosos são antipáticos à lei e aos juízes que os condenam, e **exprimem esses sentimentos pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes** que estão estritamente na verdade quando dizem não ser senão ecos; o paciente está reduzido a um estado passivo; está na situação de um homem abatido por um inimigo mais forte, que o constrange a fazer a sua vontade; o *eu* do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o *eu* pessoal; há subjugação

obsessional e não possessão.

Que absurdo! dirão certos doutores. Absurdo, tanto que quereis, mas que não é menos hoje tido por uma verdade por um grande número de médicos. **Um tempo virá, menos distante do que se pensa, em que, a ação do mundo invisível sendo geralmente reconhecida, a influência dos maus Espíritos será alinhada entre as causas patológicas;** será levado em conta o papel importante que o perispírito desempenha na fisiologia, e um novo caminho de cura será aberto para uma multidão de doenças reputadas incuráveis. ⁽¹⁶³⁾ (itálico do original)

Allan Kardec ainda não está de todo convencido da real possibilidade da possessão, mas em dezembro diante do caso da Srta. Julie, se renderá a essa verdade, uma vez que para ele, os fatos são argumentos irrefutáveis.

Dizendo que os possessos de Morzine “são verdadeiros médiuns inconscientes” corrobora o que havia dito no 3º artigo. Além disso, demonstra forte esperança de que no futuro os médicos reconhecerão como causa patológica a influência dos maus Espíritos sobre as pessoas.

10. Conclusão

Concluimos, então, que, conforme o que encontramos nas obras da Codificação, as reuniões mediúnicas de orientação ou esclarecimento de Espíritos sofredores (imperfeitos) é uma missão nossa, que deve ser levada a efeito em reuniões específicas.

A nosso ver, elas não devem ser de caráter público, mas realizadas na intimidade que esses casos requerem e para também se dar a privacidade que os Espíritos manifestantes merecem.

Certamente surgirá a natural pergunta: se os Espíritos sofredores só recebem ajuda numa reunião mediúnica, e o que acontece com os que nela não se manifestam? A resposta a essa oportuna pergunta nós a encontraremos na **Revista Espírita 1860**, mês de fevereiro, artigo “História de um condenado”, no qual, após o último diálogo com o Espírito de Castelnauary ⁽¹⁶⁴⁾, Allan Kardec acrescenta a seguinte nota:

Esta evocação não foi o fato do acaso; como deveria ela ser útil a esse infeliz, **os Espíritos que velam por ele**, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, **julgaram que o momento chegara para lhe dar um socorro eficaz**, e foi então que prepararam as circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes.

Pergunta-se a esse respeito, **o que lhe teria advindo se não houvesse sido evocado**, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não o podem ser, ou nos quais não se pensa. A isso é respondido que **os caminhos de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis; a evocação pode ser um meio de assisti-los, mas certamente não é o único; e Deus não deixa ninguém no esquecimento**. Aliás, as preces coletivas devem também ter, sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento, sua parte de influência. ⁽¹⁶⁵⁾

Portanto, nenhum Espírito fica desamparado, Deus, em seu infinito amor, jamais deixará de auxiliar um filho transviado. Os que, por variados motivos, não forem ajudados em reunião mediúnica, serão por outros meios, pois, como muito bem disse o Codificador “Deus não deixa ninguém no esquecimento”.

Sendo uma missão nossa, ou seja, dos

encarnados, julgamos que as casas espíritas devem envidar todos os esforços possíveis para instituírem essas reuniões para bem cumprirem essa missão. Segundo as palavras de Allan Kardec, a cada caso resolvido teremos “a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito”⁽¹⁶⁶⁾.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém***. São Paulo: Paulus, 2002.
- AMUI, A. B. F. ***O Que é Evangelização de Espíritos***. Sacramento (MG): Editora Esperança e Caridade, 2021.
- BARBOSA, E. ***No Mundo de Chico Xavier***. Araras (SP): IDE, 1992.
- CARNEIRO, A. (org), ***No Limiar do Amanhã: Lições de Espiritismo com Herculano Pires***. São Paulo: Editora Camille Flammarion, 2001.
- DENIS, L. ***No Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo. ***Curso Básico de Espiritismo, 1º ano***. (PDF) São Paulo: FEESP, 2011.
- FINDLAY, J. A. ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada***. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- FRANCO, D. P. e TEIXEIRA, J. R. ***Diretrizes de Segurança***. Niterói (RJ): Editora Frater, 1990.
- JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB 2006.
- KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.

- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Sobradinho (DF): EDICEL, 2011.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867*** (PDF). Brasília: FEB, 2008

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Viagem Espírita em 1862**. Matão (SP): O Clarim, 2000.
- MARTINS, C. **A Obsessão e Seu Tratamento Espírita**. São Paulo: EDICEL, 1987.
- PIRES, J. H. **O Centro Espírita** (PDF). São Paulo: Paideia, 2000.
- PIRES, J. H. **O Finito e o Infinito**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1983.
- PIRES, J. H. **Obsessão, o Passe, a Doutrinação**. São Paulo: Paideia, 2009.
- SCHUBERT, C. S. **Obsessão/Desobsessão: Profilaxia e Terapêutica Espíritas**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- UEM, **Chico Xavier, Mandato de Amor**. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1993.
- VIEIRA, W. **Conduta Espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. **O Consolador**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. **Desobsessão**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Internet:

BBC NEWS BRASIL: Veiga, E., **Chico Xavier: o médium filho de analfabetos que vendeu 50 milhões de livros**, disponível:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61975677#:~:text=O%20filho%20de%20um%20vendedor,sempre%20foi%20atribu%C3%ADa%20a%20esp%C3%ADritos>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, **A reforma psiquiátrica brasileira e a política de saúde mental**, disponível em:

<http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/vpc/reforma.html>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FILMES – **E o vento levou e Ghost**, disponível em:

<https://i.pinimg.com/736x/14/99/7d/14997dff9df64a5c914e422e9817cb90.jpg> e

https://http2.mlstatic.com/D_NO_NP_2X_931886-MLB30873955123_052019-F.webp. Acesso em: 13 out. 2021.

MACHADO, D. **Cientistas e Experiências Mediúnicas – Carl August Wickland**, disponível em:

<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>. Acesso em: 25 out. 2022.

MENEZES, F. In. **Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações**, disponível em:

<https://www.fedf.org.br/Noticias/quando-arte-e-mediunidade-se-convergem-para-socorrer-amparar-e-sensibilizar-coracoes>. Acesso em: 22 mar. 2021.

- OLIVEIRA FILHO, A. O. **20 Lições Sobre Mediunidade**. Londrina: EVOC, 2020, disponível em: http://www.oconsolador.com.br/editora/51a100/20_Licoes_sobre_Mediunidade.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.
- PENSADOR, **Alfred de Musset**, disponível em: https://www.pensador.com/autor/alfred_de_musset/. Acesso em: 11 jul. 2023.
- PESQUISA, **O pesquisador**, disponível em: <https://thumbs.dreamstime.com/b/pesquisador-1847315.jpg>. Acesso em: 11 jan. 2024.
- PLANTA, **Casa espírita**, disponível em: <https://th.bing.com/th/id/R.08f517aa588933ba28e89a7f69467d03?rik=iye0SRBuG9IBVA&riu=http%3a%2f%2fwww.barralife.com%2fsite%2fwp-content%2fuploads%2f2016%2f08%2fsala-de-reunioes.png&ehk=r9ty8pz%2fwSj%2fyj5XHT7ItEZlh%2b%2b%2fl0yy3VbV2HwKXsE%3d&risl=&pid=ImgRaw&r=0>. Acesso em: 16 nov. 2021.
- PROJETO ALLAN KARDEC, **Solidariedade entre os Espíritos e os homens - Educação dos Espíritos (manuscrito de 09.07.1861)**, disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=267>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. **Os Espíritos superiores e o livre-arbítrio**, disponível em: http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/44_2-os-espritos-superiores-e-o-livre-arbtrio. Acesso em: 01 jun. 2023.
- WICKLAND, C. A. **Trinta Anos Entre os Mortos**, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/365376956/Trinta-Anos-Entre-Os-Mortos-Carl-a-Wickland>. Acesso em: 25 out. 2022.

WIKIPÉDIA, **Rossini**, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gioachino_Rossini. Acesso em: 04 mai. 2021.

Imagens:

Capa: https://images.wsj.net/im-654774/?width=700&size=1.5&pixel_ratio=1.5.

Acesso em: 28 mai. 2023.

Concentrar no estudo, disponível em:

<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/391/2020/03/estudos.jpg>. Acesso em: 09 jan. 2024.

Consumo excessivo de bebidas alcoólicas (Portal da Saúde), disponível em:

https://saude.mpu.mp.br/imagens/noticias/consumo_excessivo_alcool.jpg/@@images/b08bfc73-6afc-4077-8a60-3b52ec4caafe.jpeg. Acesso em: 24 jan. 2024.

Grupo Meimei:

<http://www.jornaloimortal.com.br/Public/Blog/7534a4f5-563e-4da1-b387-fb25808f6f0a.jpg>. Acesso em: 03 out. 2021.

Obsessão - Influência de Espíritos inferiores - alcoolismo:

<http://luzdoespiritismo.com/wp-content/uploads/2013/11/mesa-de-bar.png>. Acesso em: 28 out. 2022.

Reunião mediúnica:

http://www.ceakitajuba.org.br/sites/default/files/languages/atendimento_reuniaomed.jpg. Acesso em: 06 jun. 2015.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7)

Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso; 8) Chico Xavier: uma alma feminina; 9) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução; e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 Pesquisa, *O pesquisador*, disponível em:
<https://thumbs.dreamstime.com/b/pesquisador-1847315.jpg>
- 2 PIRES, *Obsessão, o Passe, a Doutrinação*, p. 71-72.
- 3 CARNEIRO (org), *No Limiar do Amanhã: Lições de Espiritismo com Herculano Pires*, p. 7.
- 4 FEESP, *Curso Básico de Espiritismo, 1º ano*, p. 50.
- 5 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 150.
- 6 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 149-150.
- 7 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 231.
- 8 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.
- 9 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 282.
- 10 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 273.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 274.
- 12 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 259-260.
- 13 MACHADO, *Cientistas e Experiências Mediúnicas - Carl August Wickland*, disponível em:
<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>
- 14 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/365376956/Trinta-Anos-Entre-Os-Mortos-Carl-a-Wickland>. p. 35.
- 15 MACHADO, *Cientistas e Experiências Mediúnicas - Carl August Wickland*, disponível em:
<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>
- 16 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 183-184.
- 17 DENIS, *No Invisível*, p. 252-253.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 91.

- 19 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 16-17.
- 20 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 13-14.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 18.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, FEB, p. 40.
- 23 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 169-170.
- 24 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.
- 25 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 270.
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 90.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 362.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 6.
- 29 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 6.
- 30 Planta, Casa espírita, disponível em:
<https://th.bing.com/th/id/R.08f517aa588933ba28e89a7f69467d03?rik=iy0SRBuG9IBVA&riu=http%3a%2f%2fwww.barralife.com%2fsite%2fwp-content%2fuploads%2f2016%2f08%2fsala-de-reunioes.png&ehk=r9ty8pz%2fwSj%2fYj5XHT7ItEZlh%2b%2b%2fI0yy3VbV2HwKXsE%3d&risl=&pid=ImgRaw&r=0>
- 31 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 174-177.
- 32 Consumo excessivo de bebidas alcoólicas (Portal da Saúde), disponível em:
<https://saude.mpu.mp.br/imagens/noticias/consumoexcessivoalcool.jpg/@@imagens/b08bfc73-6afc-4077-8a60-3b52ec4caafe.jpeg>
- 33 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 265.
- 34 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 370.
- 35 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.
- 36 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 265.
- 37 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 238, p. 260.

- 38 LUZ DO ESPIRITISMO, *Influência de Espíritos inferiores – alcoolismo*, disponível em:
<http://luzdoespiritismo.com/wp-content/uploads/2013/11/mesa-de-bar.png>
- 39 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 102.
- 40 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 149.
- 41 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 414.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 7.
- 43 Concentrar no estudo, disponível em:
<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/391/2020/03/estudos.jpg>
- 44 PIRES, *O Finito e o Infinito*, p. 78.
- 45 UEM, *Chico Xavier, Mandato de Amor*, p. 205.
- 46 BBC NEWS BRASIL: Veiga, *Chico Xavier: o médium filho de analfabetos que vendeu 50 milhões de livros*, disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61975677#:~:text=O%20filho%20de%20um%20vendedor,sempre%20foi%20atribu%C3%ADda%20a%20esp%C3%ADritos.>
- 47 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 353.
- 48 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 231-232.
- 49 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 364.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 301.
- 51 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 187.
- 52 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 308.
- 53 Nota de Allan Kardec: Conhecemos um senhor que foi aceito para um emprego de confiança, numa casa particular, porque era espírita sincero. Entenderam que as suas crenças eram garantia de sua moralidade.
- 54 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 400-401.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 263-264.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 264-265.

- 57 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 188.
- 58 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 80-81.
- 59 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 84-85.
- 60 PIRES, *O Finito e o Infinito*, p. 78.
- 61 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 115.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 325.
- 63 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 364-365.
- 64 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 141.
- 65 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 240-241.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 356-357.
- 67 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 361-362.
- 68 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 142.
- 69 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 129-131.
- 70 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, cap. XXVI, item 291, q. 18, p. 329.
- 71 KARDEC, *A Gênese*, cap. II - Deus, item 24, p. 55.
- 72 KARDEC, *A Gênese*, p. 244.
- 73 KARDEC, *Revista Espírita 1867 - FEB*, p. 250.
- 74 KARDEC, *Revista Espírita 1867 - FEB*, p. 254.
- 75 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 214-215.
- 76 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 307.
- 77 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 308.
- 78 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 365.
- 79 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 365.
- 80 PIRES, *O Centro Espírita*, p. 66-67.
- 81 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 182.
- 82 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 374.

- 83 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 110.
- 84 XAVIER, *O Consolador*, p. 207.
- 85 XAVIER, *O Consolador*, p. 207.
- 86 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 276.
- 87 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 276.
- 88 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.
- 89 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 277.
- 90 VIEIRA, *Conduta Espírita*, p. 93.
- 91 BARBOSA, *No Mundo de Chico Xavier*, p. 69.
- 92 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 295-296.
- 93 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 296.
- 94 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 296.
- 95 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 300.
- 96 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 300.
- 97 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.
- 98 KARDEC, *A Gênese*, CELD, p. 352.
- 99 “No século XIX, o tratamento ao doente mental incluía medidas físicas como duchas, banhos frios, chicotadas, máquinas giratórias e sangrias.”, disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/vpc/reforma.html>
- 100 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 41-42.
- 101 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 96.
- 102 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 269.
- 103 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 270.
- 104 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, FEB, p. 40.

- 105 O *Projeto Allan Kardec* é fruto de um convênio entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Fundação Espírita André Luiz (FEAL), cujo objetivo é permitir o acesso público a centenas de manuscritos originais de Allan Kardec, que não haviam sido divulgados.
- 106 PROJETO ALLAN KARDEC, *Solidariedade entre os Espíritos e os homens - Educação dos Espíritos* (manuscrito de 09.07.1861), disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=267>
- 107 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 299.
- 108 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 63.
- 109 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 346-347.
- 110 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 227-228.
- 111 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 137-138.
- 112 Alfred de Musset (1810-1857) foi um dramaturgo, poeta e novelista francês do período do Romantismo. (fonte: https://www.pensador.com/autor/alfred_de_musset/)
- 113 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 191-192.
- 114 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 221-222.
- 115 FRANCO e TEIXEIRA, *Diretrizes de Segurança*, p. 45.
- 116 FRANCO e TEIXEIRA, *Diretrizes de Segurança*, p. 53.
- 117 XAVIER e VIEIRA, *Desobsessão*, p. 153.
- 118 XAVIER e VIEIRA, *Desobsessão*, p. 57.
- 119 XAVIER e VIEIRA, *Desobsessão*, p. 201-202.
- 120 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Espíritos superiores e o livre-arbítrio*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/42-os-espritos-superiores-e-o-livre-arbtrio>
- 121 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 305-306.
- 122 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 306.

- 123 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 308.
- 124 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 317.
- 125 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 331.
- 126 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 132.
- 127 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 191.
- 128 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 179.
- 129 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 387.
- 130 DENIS, *No Invisível*, p. 253.
- 131 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 239.
- 132 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 103.
- 133 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 130.
- 134 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 329-330.
- 135 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 331.
- 136 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 174.
- 137 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 379.
- 138 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 298.
- 139 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 326-327.
- 140 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 139.
- 141 N.T.: Alguns comunicantes pensam encontrar-se em um julgamento e temem os participantes da reunião. Cumpre evidenciar ao comunicante que ele não está sendo julgado. Para tanto se faz mister que as nossas atitudes sejam sempre a do irmão que procura socorrer e esclarecer, porque sebe e sente em si mesmo as necessidades daquele que sofre.
- 142 SCHUBERT, *Obsessão/Desobsessão: Profilaxia e Terapêutica Espíritas*, p. 141-142.
- 143 AMUI, *O Que é Evangelização dos Espíritos*, p. 26.
- 144 AMUI, *O Que é Evangelização dos Espíritos*, p. 27.
- 145 AMUI, *O Que é Evangelização dos Espíritos*, p. 27.

- 146 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 173.
- 147 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 5.
- 148 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 268.
- 149 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 269.
- 150 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 302.
- 151 Filmes - E o vento levou e Ghost, disponível em:
<https://i.pinimg.com/736x/14/99/7d/14997dff9df64a5c914e422e9817cb90.jpg> e
https://http2.mlstatic.com/D_NQ_NP_2X_931886-MLB30873955123_052019-F.webp
- 152 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 159.
- 153 *Bíblia de Jerusalém*, p. 412.
- 154 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 261-262.
- 155 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 92-93.
- 156 WIKIPÉDIA, *Rossini*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Gioachino_Rossini
- 157 DENIS, *No Invisível*, p. 312.
- 158 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 84-85.
- 159 AMUI, *O Que é Evangelização do Espírito*, p. 45.
- 160 Link: <https://www.fedf.org.br/Noticias/quando-arte-e-mediunidade-se-convergem-para-socorrer-amparar-e-sensibilizar-coracoes>
- 161 MARTINS, *A Obsessão e Seu Tratamento Espírita*, p. 84.
- 162 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 36.
- 163 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 139.
- 164 Esta foi a designação adotada para o Espírito que provocava fenômenos de efeitos físicos (ruídos) numa pequena casa perto de Castelnauary.
- 165 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 60-61.
- 166 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.